

Memorial¹

Clarice Ehlers Peixoto

Memoriale

Palavra que remete à noção de memória, lembrança, recordação, remissão ao passado. Aqui, trata-se de reconstituir minha trajetória profissional, delineada pelo meu perfil acadêmico. Nesta difícil tentativa de esboçar meu autorretrato profissional é impossível não vincular eventos e circunstâncias pessoais e familiares que marcaram minhas escolhas e que foram determinantes nas opções profissionais, dando sentido à minha identidade acadêmica.

Diria que este exercício é semelhante ao de folhear um álbum de retratos no qual cada imagem ali fixada rememora os eventos extraquadro que ela aciona. Inspirada nessas imagens fugirei do modelo regular de memorial para aciona-las, recompondo os fragmentos da minha memória na linha do tempo².

A primeira imagem do meu álbum relembra a experiência infantil de passar três dias na aldeia Munduruku, no baixo Tapajós, com meus dois irmãos menores. As fotografias mostram as crianças pescando no rio Cururu com o padre franciscano da missão, meus irmãos e meninos indígenas e com mulheres e crianças indígenas em frente à missão. Parecemos felizes neste lugar paradisíaco, mas eu estava apavorada nesse meu primeiro e último contato com indígenas.

¹ Este memorial foi defendido em 24 de abril de 2018. A banca examinadora foi composta pelo Profs. Helena Bomeny (presidente), Sylvia Caiuby Novaes, Myriam Lins de Barros, Luiz Flavio de Carvalho Costa, Marco Antônio Gonçalves.

² Peço desculpas pela qualidade das fotografias. São fotos de família que esmaeceram com o tempo.



Cercada de índios por todos os lados

Filha de militar da Aeronáutica. Em 1960 vivíamos em Belém do Pará e meu pai trabalhava no Correio Aéreo Nacional (CAN), cuja função era promover a integração entre as populações ribeirinhas e as missões religiosas das aldeias indígenas com as cidades de Santarém e Belém, transportando víveres, medicamentos e pessoas provenientes de todos os recantos da Amazônia. Em uma dessas viagens, ele nos levou para conhecer “índios de verdade” e, aos dez anos de idade voltei da aldeia com a certeza de nunca mais queria ver “índio”, pois, para uma menina ‘branca’, a experiência não foi nada agradável. Muito diferente daquilo que narram nossos pais fundadores sobre os primeiros contatos e primeiros olhares em terras longínquas. Essas imagens guardadas no baú da memória me fizeram entender, muitos anos mais tarde, porque sempre me distanciei da etnologia.

De como cheguei à sociologia

Até os vinte anos de idade morei em vilas militares Brasil afora. 1964 morava em Brasília, em 1968 no Galeão. Dois momentos da nossa história que marcaram profundamente as minhas escolhas, a começar pelo curso clássico. Colégio Estadual André Maurois, turno noturno, sob a direção da professora Henriette Amado, cuja orientação pedagógica era um

aprendizado marcado pela leitura, pelo questionamento e pelo debate com liberdade e responsabilidade. Liberdade que não existia do outro lado dos muros da escola. Tempos de efervescência política, de manifestações e passeatas. Tempos de violência, prisão e morte. De medo, ao percorrer o longo trajeto entre a vila militar do Galeão (onde muitos ruídos assombravam) e a escola do Leblon. De alívio ao entrar em sala de aula onde outras visões de mundo e maneiras de pensar me eram reveladas, e quando acompanhava os colegas nas manifestações no centro da cidade onde podia expressar meus constrangimentos. Dois mundos, duas maneiras de pensar a sociedade e de tratar os brasileiros.

As dúvidas, inquietações e temores me levaram à sociologia, 1969. A difícil escolha pelo curso de Sociologia e Política da PUC/RJ, em detrimento do IFCS/UFRJ, deve-se ao desmantelamento deste com o exílio e os expurgos de vários professores, alguns dentre eles se transferiram para a PUC. E claro, a pressão familiar para não entrar para um “antro de subversivos”³.

Uma nova janela para ler o mundo se abria com os cursos de sociologia, política e antropologia e o mergulho nessas literaturas totalmente proibidas nesta época: Marx, Althusser, Weber, Marta Harnecker, entre outros. A sede por esse conhecimento me levava a aventuras próprias da literatura policial. Onde adquirir esses livros proibidos em uma cidade sitiada? Endereço sussurrado entre os colegas: Livraria Ler, rua México 31 - sobreloja. Era certamente a melhor em ciências sociais. A aquisição era bem ‘camuflada’: eu escrevia o título do livro em um papel e entregava ao Fabiano, o simpático vendedor que nos acobertava. Dias depois voltava para pega-lo, no fundo da livraria, já encapado com papel branco ou de embrulho. Sair dali com um livro “subversivo” na mochila, e seguir de ônibus para a vila militar do Galeão, era muito arriscado. Mais ainda escondê-lo dentro de casa. Estudava de madrugada para ninguém ver do que se tratava.

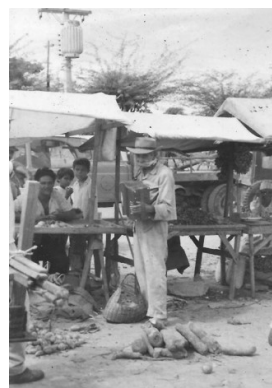
A certeza dessa primeira escolha foi sedimentada com a experiência de viver no sertão nordestino, em 1970-1971⁴. Um corte na formação

³ Mesmo sem gostar da minha escolha, meu pai a respeitou e me levava de carro (do Galeão para rua Marquês de Olinda) para fazer as provas de vestibular já que elas começavam cedo. Eram tempos de muita manifestação estudantil na porta do IFCS. Palavras de ordem, bandeiras e convites para aderir à luta contra a ditadura. Meu pai assistia essa “baderna dos subversivos”! Daí a pressão para desistir da universidade pública e optar pela universidade privada. Difícil não ceder quando não se tem autonomia financeira e se vive rodeada de militares por todos os lados!

⁴ 1970. Recém-casada acompanhei o marido em seu primeiro trabalho como engenheiro na construção da usina hidroelétrica de Paulo Afonso.

universitária e a convicção de uma retomada futura. Paulo Afonso (BA), construção da usina hidroelétrica e o impacto de uma acentuada desigualdade social. No interior do território murado da usina existia a mesma estrutura hierárquica expressa nas vilas militares: o “bairro dos engenheiros” e o “bairro dos operários”. Fora dos muros da usina, a pobreza sertaneja. Dentro, o verde do sistema de irrigação onde ‘tudo que se planta dá’ (até uvas e figos), do outro lado dos muros da CHESF a aridez e a secura da terra, a falta de água e de alimentos. Contraste avassalador!

Feira de Paulo Afonso, de quinta a domingo



A feira de sábado era o espaço principal de comercialização da pequena produção (raízes fundamentalmente) dos agricultores dos arredores, e da tecelagem das relações sociais entre os moradores da cidade e da redondeza.

Julho de 1975, diploma de sociologia em mãos e a convicção de que seguiria os caminhos da pesquisa social. O IBGE recrutava pesquisadores para uma pesquisa nacional sobre as condições de vida e nutricionais da população brasileira – ENDEF (Estudo Nacional de Despesa Familiar). Durante os três primeiros anos trabalhei junto à presidência da instituição⁵

⁵ O coordenador do ENDEF era um militar reformado da marinha que havia cursado sociologia no EUA e se tornou fã da sociologia funcionalista de Paul Lazarsfeld - austríaco que migrou para os EUA na década de trinta, professor na Universidade de Columbia, e criou o

em uma equipe interdisciplinar, cujo trabalho principal era analisar as informações qualitativas contidas nas páginas finais dos questionários. Nossos relatórios sobre alimentação, moradia, saúde, educação e condições locais analisavam as impactantes realidades sociais de 55 mil municípios brasileiros. Não à toa tiveram suas páginas carimbadas com ‘confidencial’ e foram engavetados. Eram tempos de ditadura militar e os relatórios nunca mais saíram das gavetas.

Selecionamos as áreas de ‘bolsões de pobreza’ no país. Mapas em mãos, seguimos para algumas dessas regiões com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as precárias condições de vida dessas populações que viviam em Campos, São João da Barra e Barra de Itabapoana na região norte do Rio de Janeiro, e Jequié no sudoeste da Bahia⁶.

Em Campos ficamos impactadas com as condições de vida e de trabalho dos cortadores de cana, principalmente das crianças. Paralelamente ao trabalho oficial ali realizado, Maria Tereza Ramos de Oliveira (socióloga) e eu realizamos uma pesquisa focalizada nas condições de vida dos moradores de uma favela que se criava ao longo da rodovia⁷.



As fotografias são mais reveladoras sobre as condições de vida dessas crianças, muitas delas cortadoras de cana, do que o texto dos relatórios do ENDEF.

Bureau of Applied Social Research para desenvolver um novo estilo de sociologia: burocrática, técnica e empírica. Ele formou o trio funcionalista, junto com Talcott Parsons e Robert Merton, que dominou a sociologia americana nas décadas de quarenta e cinquenta do século passado.

⁶ Só participei da pesquisa no norte fluminense. A direção do IBGE cancelou o trabalho de campo nas outras regiões.

⁷ Cortadores de cana. Um estudo de caso. ENDEF/IBGE, mimeografado, 57pp, 1978. Arquivado.



Dois adolescentes. Corpos cansados no final do dia de trabalho. Sem tempo para a escola e para as brincadeiras.

Corpos cobertos de fuligem da queimada da cana, que nunca desgruda da pele.

As páginas seguintes desse álbum apresentam flashes das pesquisas ibegeanas realizadas pelo departamento de Indicadores Sociais (1977-1988) para o qual fui transferida. Participei de estudos sobre habitação popular no Rio de Janeiro (Loteamentos clandestinos na Baixada Fluminense e Favelas do Rio de Janeiro⁸) e de grandes pesquisas nacionais: 'A questão social: um estudo sobre relações entre Estado e conflitos sociais no Brasil'; 'Questão agrária: um estudo de experiências de assentamento' (convênio com BNDES); 'Saneamento Básico no Brasil'.

1981-1983. 'Favelas do Rio de Janeiro'⁹ tinha por objetivo repensar as questões sobre marginalidade & habitação popular. Tempos de contexto social e político ditatorial, tendo à frente do Ministério do Interior o coronel militar Mario Andreazza, mentor do Projeto Rio no âmbito do Promorar/BNH. Os dois primeiros capítulos do relatório estão voltados para uma discussão sobre conceituação e delimitação da questão, e análise do período 1950-1970 (Leeds & Leeds 1978; Valladares 1978; Perlman 1977; Santos 1981). Os dois últimos capítulos são fruto de pesquisa etnográfica intensa, e tensa, para entender dois processos de desfavelização: na favela do Jacarezinho e

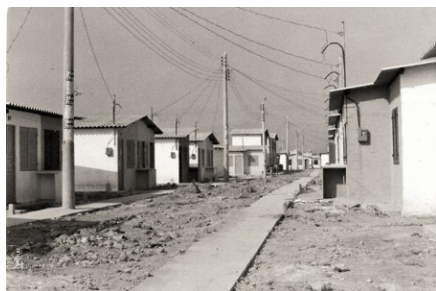
⁸ O governo federal lançou um novo projeto de construção de casas populares e de urbanização de favelas. No Rio de Janeiro, a área do complexo da Maré foi a escolhida. Nossa pesquisa acompanhou todo o processo de cadastramento e seleção das famílias que seriam deslocadas para a Vila do João, recém construída. Incluímos nesse projeto um estudo sobre o sistema de transações imobiliárias recém-criado pela Associação de Moradores do Jacarezinho para entender as estratégias locais de comercialização das moradias.

⁹ Não publicado, 302pp, 1983. Equipe: Jane Souto de Oliveira (coord.), Clarice Peixoto, David Vetter, Elza Rodrigues, Helena Castello Branco, Lilian Neumayer. Apesar de arquivado pelo IBGE apresentamos os resultados da pesquisa em congressos e distribuímos inúmeras cópias aos pesquisadores desse campo.

no conjunto de favelas da Maré (construção da Vila do João).



Dezembro de 1982. Palafitas da Maré. Nas águas poluídas da baía de Guanabara as crianças brincavam e se banhavam.



O presente e o sonho do futuro - Vila do João: casas de alvenaria, relógio de luz, água limpa e encanada e banhos de chuveiro!

Durante um ano acompanhamos o processo de cadastramento e de deslocamento dos moradores das palafitas de Nova Holanda para a área contígua onde se construía a Vila do João. Ainda que se tratasse de uma desfavelização outorgada por meio da intervenção estatal, para muitos moradores significava um corte com o estigma da marginalidade e com a identidade de favelado. Nesse período, as famílias viveram dias de expectativa e ansiedade, aguardando o sorteio e a cor da pintura do barraco que indicava o setor para onde seriam deslocadas. A grande preocupação era com o esfacelamento das redes de solidariedade e de apoio familiar. Nosso relatório finaliza com a pergunta: “Não deixa de ser pertinente a indagação quanto às perspectivas de execução das etapas previstas e ainda não realizadas¹⁰. Passado o período eleitoral, e face à presente crise

¹⁰ Até o fechamento do relatório (1983) os moradores da Vila do João ainda não tinham os carnês de pagamento das novas moradas e, portanto, não eram efetivamente proprietários do

econômica, haverá condições de se levar adiante um projeto de tal vulto?”. (1983: 289).

Meu interesse pelo estudo das desigualdades sociais, orientado por uma metodologia antropológica, só aumentava.

1984-1985. A pesquisa ‘A questão social: um estudo sobre relações entre Estado e conflitos sociais no Brasil’¹¹ surgiu a partir de nossas inquietações derivadas tanto dos relatórios qualitativos da pesquisa ENDEF quanto dos rumos políticos do país. Desenvolvida no interior de um órgão público, nesse período ditatorial, ela foi fundamentalmente um estudo de perspectiva histórica - análise das políticas econômicas e sociais brasileiras desde a primeira república -, que procurou compreender o modo específico de intervenção do Estado face às pressões da ‘questão social’. Nosso ponto de vista era que as intervenções estatais constituíam um processo de controle social que “tende a regular e até mesmo prevenir os conflitos decorrentes de participações diferenciadas nos processos de produção e de reprodução”. O trabalho não apresenta uma análise econômica da política social brasileira, pois “a indagação central esteve o tempo todo remetida à questão dos direitos sociais e da cidadania”. (1985, p. II-III). Arquivado.

1986-1987. ‘A questão agrária: um estudo de experiências de assentamento’¹² foi realizada em convênio com o BNDES e tinha por objetivo analisar alguns assentamentos rurais financiados pelo programa Finsocial/BNDES. Novamente retornamos à pesquisa de campo, acompanhados por dois pesquisadores do BNDES. Nossos relatórios finais foram dissonantes: o do BNDES indicava o fim do programa porque considerava que os investimentos do banco não tinham retorno financeiro dada a ‘incompetência’ dos pequenos agricultores, e o do IBGE apontava para as falhas desse programa que não considerava a adaptação à uma nova terra com clima diverso daquele no qual viviam e produziam, ao desconhecimento do uso de agrotóxicos em terras não produtivas, entre outros elementos. O acordo foi desfeito e o relatório desapareceu, mas

imóvel que ocupavam.

¹¹ Mimeografado, 221pp. Equipe coordenada por Marina Teixeira: Clarice Peixoto, Cleber Felix, M^a das Graças Mangueira Este, M^a Helena Beozzo.

¹² Não publicado, s/n. de pag. Pesquisa solicitada pelo BNDES para ‘descobrir’ porque o seu programa de assentamento rural não dava retorno financeiro em determinadas áreas. O objetivo do banco era abandonar esses programas e os pequenos agricultores ali assentados. Duas áreas de pesquisa: São José da Boa Morte/RJ e Abapan/PR. Fiz parte da equipe do Paraná junto com M^a das Graças M. Este, José Luis Petruccelli e dois técnicos do BNDES.

ficaram as imagens da nossa pesquisa que buscava entender as razões da baixa produtividade nesse assentamento compulsório¹³, e evitar que o programa Finsocial abandonasse esses pequenos produtores.



Deslocados, em pleno inverno, de uma região de clima tropical para as terras frias de Abapan, eles ficaram acampados em barracas do Exército até construírem suas precárias moradas com o material disponível. Muitos acharam que não sobreviveriam ao frio com suas roupas leves e chinelos.



Até aqui era significativa a participação de sociólogos e antropólogos nas pesquisas ibegeanas, o que assegurava um peso maior às informações qualitativas. Nelas, a etnografia complementava e dava suporte aos dados estatísticos - observação direta, entrevistas, conversas dirigidas e fotografias¹⁴ - e permitia atualizar conceitos e categorias aplicados nas

¹³ Essas famílias foram retiradas das ilhas do rio Paraná para a construção da usina de Itaipu. Elas praticavam a agricultura de subsistência em terras férteis e foram deslocadas para o noroeste do Paraná, para terras que eram de pastagem degradada, improdutivas. O Programa financiava, entre outros incrementos, agrotóxicos pesados que eles não sabiam usar.

¹⁴ Nessas viagens de pesquisa eu sempre levava uma câmera fotográfica e meu interesse

grandes enquetes.

1987-1988. 'Saneamento Básico no Brasil' foi a primeira pesquisa do IBGE sobre essa questão, e a última da qual participei. Como coordenadora, eu criei uma equipe multidisciplinar para entrevistar as prefeituras e empresas de prestação de serviços de grandes e pequenas cidades brasileiras, indagando sobre que tipo de informações necessitavam para a melhoria dos serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário, drenagem urbana, limpeza urbana e coleta de lixo. Rodamos o Brasil e com essas informações em mãos elaboramos um questionário a ser aplicado em 5. 507 municípios brasileiros. Questionário pronto, tarefa cumprida.

O IBGE dava nova direção às suas pesquisas, agora dirigidas apenas para as análises estatísticas produzidas pela instituição, e cortou brutalmente os financiamentos para a pesquisa de campo etnográfica. Estava na hora de partir. A série Ibegeana termina por aqui.

Página virada.

A guinada para a antropologia

Nessas pesquisas de campo ibegeanas buscávamos inspiração na literatura sócio antropológica. Livro *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, foi decisivo na escolha pela antropologia e pelo mestrado no Museu Nacional. Em 1980 fiz o concurso sem ter ideia de quem eram nossos antropólogos brasileiros¹⁵. Na banca, três antropólogos de renome - Francisca Keller, Otávio Velho e Gilberto Velho - nomes que eu nunca ouvira falar! Tenho certeza de que fui aprovada porque sabia fazer pesquisa e, naquele tempo, o concurso exigia uma pesquisa de campo sobre um dos temas propostos no edital. Meu interesse pela questão da desigualdade social permanecia, e foi acentuado com a realização da pesquisa 'Favelas do Rio de Janeiro' e a efervescência dos estudos sobre habitação popular/favelas, principalmente os de Lícia Valladares e Carlos Nelson dos Santos. Assim, optei por um tema nesse campo.

Ingressei no mestrado com um projeto para estudar as favelas da Tijuca

não estava voltado apenas para as clássicas fotos de viagens (paisagens, etc.); sempre achei importante registrar as situações sociais estudadas, mesmo que não constassem dos textos escritos e que, nessa época, ainda não soubesse como analisar a riqueza de informações que as imagens revelavam.

¹⁵ Na graduação fui aluna de Manoel Diegues Jr. e Alba Zaluar que me fizeram conhecer M. Mauss, B. Malinowski, F. Boas, Radcliffe-Brown entre outros pais fundadores da disciplina.

(Borel, Formiga e Casa Grande), considerando-as como vilas operárias posto que próximas à fábrica de cigarros Souza Cruz e de algumas indústrias têxteis. Pesquisa inspirada naquelas desenvolvidas por meu orientador José Sérgio Leite Lopes. Mas, abandonei o projeto logo no primeiro ano ao retornar das férias familiares em Fernando de Noronha.

1980. Fernando de Noronha ainda era território federal, administrado pelo Exército, e cuja população civil era bem maior do que a militar, e vivendo sob o jugo desta¹⁶. Diria que era um laboratório daquilo que o país vivia nesses tempos de ditadura¹⁷. O que me interessava era perceber os elementos que circunscreviam esse mundo militar para entender a lógica do sistema hierárquico e disciplinar ali implantado no período da administração militar: 1942-1986. Tratava-se, assim, de uma situação bastante particular: uma ilha-prisão transformada em ilha-quartel e que, por isso, congregava elementos característicos de ambas as situações, deixando marcas e lembranças nas coisas e nas pessoas.

Nessa época, a forma que o sistema de dominação assumiu em Fernando de Noronha apresentava algumas especificidades relacionadas diretamente à sua condição ambígua de território livre e unidade militar. Entretanto, o fato de ser uma área de segurança nacional – assim determinada por ser um ponto estratégico do território nacional – já conferia aos militares maior legitimidade para o exercício do poder, que se manifestava tanto na configuração das relações de trabalho quanto na esfera da reprodução social dos moradores. Nesse sentido, o sistema de governo implantado pelos militares ao longo de décadas funcionava como uma rede de disposições que, intervindo na vida cotidiana dos moradores civis, controlava diretamente a moradia, a escola e o hospital, a produção e a distribuição dos alimentos, a comunicação com o continente (telefonía e correios) e o direito de ir e vir (controle das listas de passageiros nos aviões da FAB), entre outros.

Se os militares habitavam casas construídas no estilo vila militar – um bairro para os oficiais, outro para os militares subalternos – os muitos moradores civis viviam em moradias precárias, ou antigos casarões malconservados. O privilégio maior, evidentemente, era do coronel-governador.

¹⁶ Fernando de Noronha foi território federal de 1942 a 1988. A Constituição de 1988 reintegrou Noronha ao Estado de Pernambuco como Parque Nacional Marinho.

¹⁷ Lugar de prisão política até final dos anos setenta, nesta ilha isolada e distante do continente eram cometidas todas as atrocidades contra seus prisioneiros, diziam os moradores.



No alto da colina, a casa do coronel-governador e uma vista de 360° para todos os bairros da ilha. Um maravilhoso panóptico!



Vila dos Oficiais. Casas de alvenaria: sala, três quartos, varanda, dependências e quintal.



Vila de militares subalternos. Casas de alvenaria: sala, dois quartos, varanda, dependências, sem quintal!



Vila do Boldró. Casarão antigo, transformado em cortiço para abrigar vários moradores civis.

Dentre eles Salviano, o mais antigo pescador de Noronha.

Todos os seus filhos também eram pescadores.



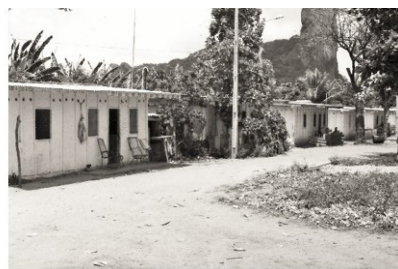
Janeiro 1980. Primeiro encontro com Salviano. Pedi permissão para a entrevista. Achou que eu era jornalista e ele queria fazer várias denúncias sobre o controle da produção pesqueira pelos militares, e o direito de ir e vir ao continente.

‘Não sou jornalista, sou antropóloga’.
“Antropófoga? Pode se retirar”.

Voltei a ser socióloga, já que ele conhecia um pouco melhor esse ofício.



Floresta Velha. Casas mais precárias de moradores civis.



Vila do Trinta. De moradores que trabalhavam para a administração territorial: os ‘recibados’.



Bairro do Porto, Vila dos Pescadores (frente)



Fundos da Vila dos Pescadores, onde fica o tanque coletivo para limpar os peixes, lavar louças e roupas.

Retornei ao campo em 1982 para complementar as anotações que fizera nas férias anteriores, e que deram origem a dois ou três trabalhos de curso no Museu. Dessa vez, durante três meses, e sem família, mergulhei na vida cotidiana dos moradores de Noronha para melhor perceber como se estruturava a organização social do Território. As imagens são, novamente, ricas na apresentação da estrutura hierárquica expressa na feira mensal

de alimentos perecíveis não cultivados na ilha, e transportados por aviões militares. Os primeiros são os oficiais de mais alta patente militar ou seus representantes, em seguida os demais escalões e, por último, os moradores civis.

A divisória da feira. A fila de espera pela 'chegada da vez'.



Ao fundo, o taifeiro do coronel-governador é o primeiro a escolher e comprar. As mulheres dos oficiais, ou as suas cozinheiras/os, esperam na fila atrás do portão.



O terceiro grupo a entrar para fazer a feira é o dos militares subalternos ou suas mulheres.



Os civis aguardam na fila até os últimos militares comprarem.

A maioria dos legumes, frutas e verduras acabou, o que sobra está amassado ou estragado.

Resta tentar a sorte no mês seguinte, ou pedir aos parentes para enviarem de Recife nos aviões militares.

Tem governo que quer ver a gente sempre no pé. Com um governo assim a gente aqui vive assombrado, não sabe? Nunca falam, chamam a gente só prá dar carão, prá fazer queixa. (pescador)

Com esta epígrafe dou início à dissertação ‘Fernando de Noronha: ilha de sonho e de assombração’ (1988)¹⁸, indicando os caminhos trilhados, as vicissitudes do trabalho de campo, as dúvidas e certezas, os medos e alegrias que permitiram a realização desta pesquisa, cuja intenção era compreender os princípios que regiam a organização social de Fernando de Noronha no período da administração militar. A estrutura de relações sociais ali criada envolvia o controle das produções pesqueira, agrícola e pecuária e da circulação mercantil de bens de consumo da população e apontava para traços característicos dos princípios integradores de organização econômica propostos por Karl Polanyi (1947): a reciprocidade e, mais especificamente, a redistribuição. A canalização dos bens para o Armazém e a Feira, administrados pelo governo territorial, determinava sua distribuição hierárquica, como vemos nas fotografias. A reciprocidade entre os produtores era a principal estratégia de sobrevivência. Michel Foucault (1977, 1979) também foi uma inspiração na leitura desse espaço territorial fechado como prisão e governado pelas forças armadas que, de fato, é a instituição mais propícia ao desenvolvimento de técnicas disciplinares específicas de vigilância para controlar as mínimas parcelas da vida de seus subjugados.

Descoberta e encantamento por um novo campo: a antropologia visual

Desde as pesquisas de campo ibegeanas despertara para o potencial e a riqueza das imagens para uma melhor compreensão das realidades sociais estudadas. Isto porque fiquei convencida de que a produção de imagens amplia o campo de observação, cria uma outra relação com os sujeitos e permite uma leitura repetida e minuciosa das atividades realizadas, principalmente, aquelas que a observação direta, quase instantânea, não pode acompanhar nem repetir. Mais do que isso, a leitura das imagens permite refletir sobre o nosso próprio olhar.

O doutorado em Antropologia Visual na ‘escola de Jean Rouch’ (Paris

¹⁸ Dissertação de mestrado. Museu Nacional, PPGAS-UFRJ, 276 p.

X-Nanterre) foi uma opção para descobrir esse novo campo, já que o IBGE fechava as portas para as pesquisas etnográficas.

Setembro de 1988. Desembarco na Europa pela primeira vez. Mala e cuia, e muitos dicionários já que não falava a língua local! Paris, cidade exótica ou a exótica sou eu?¹⁹

O primeiro ano foi dedicado à aprendizagem da língua francesa e das técnicas e linguagens cinematográficas [em película Super8], no DEA de Anthropologie Visuelle, Télévision et Audiovisuel. Pela primeira vez tive contato com uma câmera cinematográfica e aprendi a perceber o mundo por meio de imagens, e das imagens que eu produzia. Em Nanterre, Jean Rouch criou, com uma ginasta do grupo de mímica de Marcel Marceau, um curso de técnicas corporais para os cineastas adquirirem maior flexibilidade e resistência física nas filmagens com a câmera na mão. Claudine de France e et al ministravam os cursos de produção e análise fílmica. Um dos mais aprazíveis era o de visionamento de documentários: nenhum professor em sala de aula e uma pilha de filmes para assistir e analisar durante três horas! Uma sinopse crítica sobre cada um deles era depositada na secretaria. Outro curso que nos encantava era o de prática de filmagem no qual realizávamos ensaios fílmicos quinzenais, com especificações técnicas diversas: 3min²⁰, mudo, P&B, montagem *à prise de vue*; 6min, som, cor, montagem *à prise de vue*; e assim até a produção final (máximo de 20 min, som e montagem) para a obtenção do diploma. Eles eram apresentados em sala aos professores e colegas. Muitas críticas e debate. Sem dúvida, um curso que me ensinou muito sobre linguagens e técnicas.

Logo após obter o Diplôme d'Études Approfondies/DEA decidi dar continuidade ao doutorado na EHESS, pois pretendia aprofundar os conhecimentos teóricos no campo da antropologia visual, o que Nanterre não oferecia²¹. Nova escola, novo tema de pesquisa & filme etnográfico: a

¹⁹ Estas duas indagações são analisadas no primeiro capítulo da tese: Uma questão de estranhamento (2000).

²⁰ Duração de uma bobina Super8. A Universidade não tinha equipamentos e cabia aos estudantes a sua aquisição. Um curso caro que nos levou a criar uma 'cooperativa': uns entravam com câmeras, outros com microfones, outros ainda com a moviola para Super8. Nossa turma foi repreendida por Claudine de France porque o compartilhamento de equipamentos não era autorizado. Para esta diretora de Nanterre, cada estudante deveria ter seus próprios equipamentos, e desobedecemos. Do mesmo modo que não acatamos a interdição para assistir outros cursos similares fora de Nanterre, como o primeiro curso de antropologia visual da EHESS, ministrado por Marc Piault, Eliane de Latour e Jean Paul Colley, em 1989.

²¹ A Escola de Nanterre estava mais voltada para análise da cinematografia e o uso dos conceitos

sociabilidade dos velhos nos espaços públicos das cidades.

A questão do envelhecimento me intrigou desde que cheguei em Paris: nunca vira tantos velhos pelas ruas! Eles constituíam um percentual importante neste país e 20% da população parisiense em 1990. No Brasil, os demógrafos já alertavam para o rápido crescimento desse grupo etário. Velhos parisienses e cariocas invadiam os espaços públicos dessas cidades, construindo territórios de pertencimento nos quais estabeleciam relações intergeracionais e entre camadas sociais.



Odette e Andrea na praça Batignolles, território de pertencimento e de relações intergeracionais. Alimentar os animais da praça era a estratégia para atrair crianças e jovens.



A rede de vôlei da tia Leah, em Copacabana. Território de relações intraclasse e intergeracionais²².

ali criados sobre o modo de filmar, e menos para uma reflexão sobre pesquisa antropológica com imagens. A escola tinha regras bem rígidas de filmagem que não consideravam os preceitos antropológicos da relação com os sujeitos. A regra era interferir o menos possível na cena filmada, buscando a invisibilidade daquele que filma, e jamais falar com as pessoas filmadas durante as tomadas: questão de profilmia! Ou seja, estava mais próxima do cinema de observação inglês do que do cinema compartilhado de Jean Rouch, o idealizador deste curso! O que ele propunha não era seguido por seus colegas e interditado aos estudantes.

²² Como filmei sozinha (imagem & som) dei pouca atenção às fotografias, só fotografando duas das quatro cenas sociais analisadas: a praça Batignolles e a rede de vôlei da tia Leah. Nenhuma foto do baile na praça e do clube do Posto 6.

A intenção era analisar as manifestações e percepções de pertencimento a um espaço, um território, permitindo uma melhor apreensão do processo de construção de uma identidade ligada à velhice. Suas práticas e comportamentos, gostos e hábitos estão sempre marcados pelos valores mais gerais do grupo ao qual pertencem e que condicionam seu comportamento social. De fato, estes indivíduos estão sujeitos às mesmas normas morais que definem as práticas coletivas do comportamento público, expressas nos contatos face a face (Peixoto 2000: 17). Sem dúvida, Erving Goffman foi a principal inspiração para entender que "os valores culturais de uma instituição determinarão em detalhe o modo como os participantes se sentirão a respeito de muitos assuntos, e ao mesmo tempo estabelecerão um quadro de referência de aparências que devem ser mantidas, quer existam, ou não, sentimentos por detrás delas" (1975: 221).

Assim, "estes espaços públicos têm um papel fundamental nas estratégias de sociabilidade dos aposentados na medida em que permitem o estabelecimento de relações sociais com as gerações mais jovens — o que os clubes e associações de terceira idade não o fazem. Para alguns, estas instituições de terceira idade possibilitam a manutenção de relações com seus pares, permitindo que troquem confidências sobre os fatos da vida cotidiana. Mas para outros, estes espaços restritos aos velhos têm uma imagem de isolamento, quase como um 'gueto de velhos'. Para alguns dentre eles, a família mora distante, outros nem têm família, principalmente entre os franceses. As relações com as gerações mais jovens tornam-se, assim, particularmente necessárias e os jardins, praças e praias facilitam esta aproximação. Estas fronteiras marcadas por calçadas ou grades, barracas ou bancos, cordas ou arbustos que demarcam a praia, o clube ou a praça, marcam também um limite entre o público e o privado. Estes espaços constituem, na verdade, um território suspenso entre a rua e a casa pois as relações que lá se estabelecem, ainda que mais estreitas do que aquelas que têm lugar 'no meio da rua', não chegam a entrar na intimidade da casa". (Peixoto 2000: 22).

Portanto, comparar essas duas sociedades tão distantes social e economicamente foi um desafio, mas também, um encantamento descobrir esses novos campos de pesquisa, entrelaçando-os: envelhecimento & imagens; imagens do envelhecimento²³ (1993). Sem dúvida, a utilização da

²³ A la reencontre du petit paradis: une étude sur le rôle des espaces publics dans la sociabilité des retraités à Paris et à Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 485pp. Publicada no Brasil com o título *Envelhecimento e Imagem. As*

imagem fílmica permitiu uma análise repetida e minuciosa dessas relações sociais e ampliou o campo de observação. Nesta pesquisa sobre os velhos parisienses e cariocas, a linguagem fílmica permitiu mostrar não apenas as marcas do envelhecimento e do isolamento por meio do registro do ritmo do corpo, mas sobretudo, a localização no espaço em que se inserem e as relações ali criadas. (Peixoto 2000). Filme *Em busca do pequeno paraíso* em www.inarra.com.br

Neste período de doutoramento busquei interlocução com vários pesquisadores franceses e portugueses no campo da família e do envelhecimento, mas também da antropologia visual, com vistas ao estabelecimento de intercâmbios futuros.

A escolha pela vida acadêmica

Agosto de 1993. Retorno ao Brasil com o primeiro diploma de doutorado em antropologia social e visual da EHESS, sob orientação de Marc-Henri Piault. Mala & cuia, algumas publicações em periódicos franceses²⁴ e a participação em vários festivais de filme documentário e etnográfico. Trouxe, também, na bagagem, muitos filmes etnográficos e documentários.

Quanto aos estudos sobre o envelhecimento, a sociologia e a antropologia brasileiras já iniciavam pesquisas sobre o tema. Eis que o IBGE e suas estatísticas me esperavam, dada minha recente especialização em processos de envelhecimento. Sem ter lugar para os estudos antropológicos, decidi mudar de rumo.

1994. Rosilene Alvim me indicou para uma vaga de professora visitante na Escola de Serviço Social da UERJ, que buscava antropólogos (as) para conduzir pesquisas com professores (as) e alunos (as). Nesse momento, a Uerj inaugurava a sua Universidade da Terceira Idade/UnATI, a primeira em uma universidade pública brasileira. Sorte grande!

A primeira pesquisa uergiana foi realizada com colegas e estudantes do Serviço Social, pois a orientação era introduzi-los às técnicas quantitativas e qualitativas de pesquisa. Elaboramos um questionário e entrevistamos 250 alunos da UnATI. O objetivo da pesquisa era traçar o perfil destes velhos

fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro. Annablume/Faperj, 2000. Filme: *A la rencontre du petit paradis*, 20 min, 1993.

²⁴ Ver na bibliografia as publicações em *Gérontologie et Société*, *Ethnologie Française*, *Journal des Anthropologues*, *Cahiers d'Études Africaines*, *Cahiers du Brésil Contemporain*.

estudantes para entender o que buscavam nesse espaço: sociabilidade ou reciclagem de conhecimentos? Observamos que, “ainda que os níveis de instrução predominantes entre os alunos da UnATI sejam o primeiro e segundo graus, os cursos que menos os atraem são aqueles que requerem uma maior dedicação no aprendizado como história da arte, gerontologia, história do Brasil, línguas (...). Nesse sentido, embora o projeto inicial de criação da UnATI esteja baseado no modelo de terceira geração das Universidades da Terceira Idade francesas, de fato, ele ainda não saiu da segunda geração. Assim, pensar as universidades da terceira idade sem as práticas de sociabilidade é o mesmo que fundar uma escola sem dispor de professores. Já foi demonstrado que as pessoas vêm em busca de novas amizades, assim como para vencer a solidão (...). O que há de específico nas universidades da terceira idade é a oferta de atividades voltadas para a educação permanente, mas principalmente, a possibilidade de estabelecer relações com as gerações mais jovens. A identificação do peso que a solidariedade tecida nestas instituições adquire na vida cotidiana das pessoas de mais idade, permite também a reflexão sobre as transformações nas relações familiares”. (Peixoto 1997a:73). O conhecimento adquirido nos anos ibegeanos foi fundamental para a criação do universo da pesquisa e elaboração do *survey*.

Nesse primeiro ano de Uerj, na Faculdade de Serviço Social, ainda não havia lugar para as pesquisas com imagens, menos ainda para cursos de antropologia visual. Como o Serviço Social ficava no 8º andar e as Ciências Sociais no 9º andar dessa bizarra estrutura vertical da Uerj, logo encontrei colegas da antropologia. O convite honroso foi feito num espaço curioso: Valter Sinder me chamou na copa do 8º andar e convidou para dar uma disciplina eletiva de antropologia visual nas Ciências Sociais, no segundo semestre de 1994. Sala de aula lotada: 65 alunos e grande expectativa! “Na bagagem, vários filmes sobre a história do cinema, desde as cronofotografias de Etienne-Jules Marey, Eadweard Muybridge e Felix-Louis Regnault aos filmes dos primeiros cineastas (irmãos Lumière, Georges Méliès, Robert Flaherty, Dziga Vertov, Jean Vigo). E muitos filmes etnográficos clássicos e contemporâneos (Franz Boas, Marcel Griaule, Jean Rouch, Georges Rouquier, Yolande Zauberman, Dennis O’Rourke, Bob Connolly, Eliane de Latour, entre outros). (...). Muitas imagens e nenhum texto em português! Convencida de que não poderia transformar esse primeiro curso de antropologia visual em um intervalo de distração cinematográfica entre as disciplinas consideradas mais “sérias”, eu comecei a traduzir vários textos

fundamentais à compreensão da constituição desse campo, à pesquisa e produção de imagens em antropologia” (Peixoto 2014: 133). Essas traduções iniciais, junto com outras, deram origem, em 1995, à primeira revista brasileira especializada nesse campo: *Cadernos de Antropologia e Imagem*²⁵. Sem dúvida, *Cadernos* foi peça fundamental para a constituição do campo e uma ferramenta importante para o ensino da antropologia visual brasileira, e para a divulgação do que era produzido internacionalmente, além das nossas produções nacionais.

1995. Iniciei a pesquisa qualitativa sobre mulheres de mais de 60 anos²⁶, selecionando vinte e cinco mulheres dentre os 250 entrevistados na pesquisa anterior sobre a UnATI. Há que assinalar que as Universidades da Terceira Idade são um universo majoritariamente feminino, pois “os estudos demográficos sobre envelhecimento indicam que entre 1958 e 2025, o total da população mundial de mais de 60 anos deverá sextuplicar e a de 80 anos e mais será dez vezes maior. Esses números apontam ainda para as importantes disparidades entre os sexos: as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial. Assim, mais avançam na idade mais elas são numerosas e o envelhecimento pode ser visto como um fenômeno particularmente feminino”. (Peixoto 1997: 148).

Dessas conversas e informações obtidas na pesquisa anterior surgiram histórias de vida fascinantes. Decidi, então, aprofundá-las. Ao analisar essas múltiplas estórias, encontrei relatos que apresentavam etapas ou momentos da trajetória de vida bem precisos: tempo de criança, de menina-moça, de moça solteira; tempo de casamento, de amor e desamor, de maternidade, de trabalho para muitas e, finalmente, tempo da velhice, da aposentadoria e da viuvez para várias delas. São tempos perdidos, tempos ganhos. Algumas sabem se liberar do tempo anterior, mas outras precisam "preencher o tempo" para não deslizar na solidão, afastando-se do tempo social. Tentando correr atrás do tempo da pesquisa propus entrar nesses tempos femininos, tempos de passagem da infância à maturidade e à velhice. Maurice Halbwachs (1968) foi o principal inspirador ao identificar a memória coletiva da família como um lugar de elaboração de uma memória afetiva. Diria que “as gerações se sucedem e a transmissão de um vasto patrimônio simbólico lhes confere unidade e identidade. E são as histórias de vida, em

²⁵ Em coeditoria com Patrícia Monte-Mór até 2005 quando me desliguei da editoria. *Cadernos* publicou 25 números, e encerrou as publicações em 2008. Todos os exemplares estão disponíveis em www.ppcis.com.br.

²⁶ Histórias de mais de 60 anos. *Estudos Feministas* 5(1): 148-158, 1997.

geral carregadas de emoção, que melhor ressaltam os conteúdos sociais da memória familiar, permitindo descobrir as normas e valores transmitidos, os lugares de vida e as relações familiares”. (Peixoto 1997: 152). Assim, “nesses relatos sobre a vida na velhice, é imensa a vontade de realizar os desejos até então sufocados; algumas recusam viver sexualmente com os maridos que não escolheram ou não amaram e sublimam a sexualidade em atividades e cursos longe de casa; outras mantém o contrato de casamento, mas buscam novas emoções fora do casamento ... amorosas ou não” (idem, p. 158).

De volta às imagens

Em 1993, ainda em Paris, fui convidada por Patrícia Monte-Mór para participar, como produtora associada, da I Mostra Internacional do Filme Etnográfico. Estava na hora de propor parcerias e dar largada aos intercâmbios França-Brasil já acionados. Além de propor filmes que trouxe na bagagem também participei da mesa redonda sobre filme etnográfico e documentário: meu primeiro contato com o mundo audiovisual brasileiro e com Ana Maria Galano²⁷. Apresentei um brevíssimo texto sobre o tema, no qual afirmava que “a possibilidade de apresentar aos personagens suas próprias imagens e leva-los a comenta-las, explica-las e discuti-las durante as filmagens, ou mesmo posteriormente (...) - processo que alguns chamam de *feedback*, outros de *effet miroir* e Jean Rouch de *antropologia compartilhada* - os associa diretamente ao processo de pesquisa. (...). Filmar é, assim, muito mais uma exploração do processo de conhecimento do que um instrumento para descrever uma dada situação social. O filme passa a fazer parte integrante do dado antropológico, mesmo que seu estatuto científico não seja, ainda, reconhecido” (1994:13).

No ano seguinte, 1994, entrei mais fundo na organização da II Mostra Internacional do Filme Etnográfico, participando da programação geral e da coordenação do Fórum de Antropologia e Cinema. Momento de internacionalizar a nossa antropologia visual. Sugeri, então, uma mesa redonda com Marc-Henri Piault e David MacDougall, ainda desconhecidos no Brasil, e propus que Piault também realizasse um workshop sobre cinema

²⁷ Neste evento, Galano fez o convite para apresentar meu filme-tese na Anpocs em outubro desse mesmo ano. O campo da antropologia visual iniciava: Etienne Samain, antropólogo solitário da Pós-graduação em Multimeios/Unicamp já desenvolvia pesquisas com fotografia e Ana Galano/IFCS/UFRJ coordenava um projeto com imagens no Navedoc.

e antropologia. Ele fora meu orientador, e MacDougall conheci no Atelier International d'Anthropologie Visuelle de Marseille, onde apresentei meu filme-tese *A la rencontre du petit paradis*, em janeiro 1993.

Ainda em 1994, propus à Ana Maria Galano (Navedoc/UFRJ), membro da Comissão da Imagem e Som da Anpocs, convidar Sylvain Maresca (INRA-Universidade Paris III) para uma conferência. Auditório lotado para assistir o primeiro conferencista da Anpocs a falar sobre a imagem nas ciências sociais: Refletir as ciências sociais no espelho da fotografia²⁸. Neste seu *séjour* carioca, convidei Maresca para apresentar seu trabalho 'As figuras do desconhecido' no meu curso de Antropologia Visual, publicado em *Cadernos de Antropologia e Imagem 2*.

1996. Organização do primeiro Seminário de Antropologia Visual na Uerj: Imagens da África. Além das mesas e debates organizamos dois eventos paralelos: uma exposição de fotografias de Pierre Verger, na Uerj, e o lançamento do seu livro *Ewé. O uso das plantas na sociedade Iorubá* na Casa França-Brasil, com a presença do autor²⁹!

Um evento sobre imagens e não produzimos nenhuma imagem!

Novembro 1997. Chega ao Rio, para férias, a amiga Christine Fayot, *camerawoman* do canal de televisão francês FR3. Propus realizar um curso de Extensão já que a demanda para uma formação mais prática em realização de filmes etnográficos aumentava. 'Com a câmera na mão: Oficina de iniciação às técnicas e à linguagem audiovisual aplicadas ao vídeo documentário', foi organizada em parceria com o Centro Tecnológico Educacional (CTE-Uerj), e ministrada por nós duas. A Oficina teve a duração de três semanas nas quais apresentamos alguns postulados da teoria cinematográfica, tendo como base sequências de filmes (Eisenstein, Welles, Hitchcock...) e ministramos aulas sobre composição gráfica, diferentes valores dos planos, movimentos de câmera e as principais regras de enquadramento para realização de um filme documentário. Orientamos na elaboração de um roteiro, discutindo questões como "por que filmamos?", "o que procuramos expressar através da imagem e do som?". Foram ainda abordados os problemas da *mise en scène*, de edição/montagem, continuidade, paralelismos e a edição realizada

²⁸ S. Maresca é um amigo parisiense e era professor visitante no Museu Nacional. Sua conferência foi publicada em *Pluralismo, Espaço Social e Pesquisa*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1995. Também nessa coletânea o artigo de Etienne Samain 'Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica'.

²⁹ Nesse dia conheci Gisèle Omindarewá Cossard. Dois anos depois desembarco em seu terreiro em Santa Cruz da Serra/RJ para as filmagens do seu *portrait*.

no decorrer da filmagem — *à prise de vue*.

Sessenta inscritos para quinze vagas. Dividimos em três equipes de cinco pessoas para a realização de três ensaios fílmicos. Os estudantes se revezaram na captação de imagem & som e na edição dos filmes *Um dia, um gato*³⁰; *Na Glória*³¹ e *Pescadores Urbanos*³², realizada no início de 1998.



Christine Fayot ao centro

A Primeira
etapa:
locação dos
filmes



Na praça dos gatos, um
jovem casal indígena
entra em cena e pede para ser
fotografado.

1998. Ano de atividades em várias frentes. Nosso programa de pós graduação criou o doutorado e, para fortalece-lo, decidimos lançar uma revista que expressasse a nossa proposta de interdisciplinaridade nas ciências sociais – *Interseções. Revista de Estudos Interdisciplinares*. Valter Sinder, Myrian S. dos Santos e eu assumimos a editoria. *Interseções* lançou o primeiro número em 1999 e passei a acumular a coeditoria das duas revistas – *Cadernos e Interseções* – me desligando delas no mesmo ano, 2005.

1998 foi também o ano das gravações do filme *portrait Gisèle Omindarewá*, de março a dezembro. Todo mês era mês de festa de orixá e nós registrávamos a preparação e a festa. A curiosidade inicial era entender o que levaria esta burguesa parisiense, até então agnóstica, a optar pela vida religiosa na Baixada Fluminense. Compreender sua história cheia de contrastes, de mundos diversos e tentar transpor para imagens. As filmagens foram atravessadas por muitos imbróglis e muitas substituições de operadores de câmeras e de assistentes. Dizia Gisèle que sua Yemanjá queria ser conhecida por meio do filme, apesar da contrariedade do Xangô da casa.

³⁰ Direção: Clarisse Rath, Jacqueline Szczupak, Marcos Roberto Pereira.

³¹ Direção: Martha Nogueira, Bárbara Copque, Lucia Maria Gutierrez.

³² Direção: Karina Ribeiro de Andrade, Kelly Russo, Guapi Góis.



Ao fundo, o Xango que detestava câmeras e flashes e apavorou meus cameramen, que interrompiam as filmagens.

Lembro que o Inarra ainda não possuía equipamentos de filmagem. Uma parceria com o Centro Tecnológico Educacional/Uerj permitiu filmar *Gisèle Omindarewa*, em 1998³³. Finalizadas as gravações, segui para Paris para um encontro com ela e, juntas, seguirmos ao Benin. Ela faltou ao *rendez-vous* e só aterrissei nas terras africanas em 2005³⁴. Uma aventura achar seus caminhos. Milton Guran indicou Ogoulala, tradutor de Gisèle, que com seu filho me levou aos povoados de Saketé, Pobé, Kétou, seguindo a Route de Vaudours.



Cotonou,
comércio de rua



Saketé, casa de Sango



Pobé, casa de Sango

Dez anos de distanciamento das imagens do terreiro de Gisèle, uma edição conturbada e a finalização em 2009³⁵. Filme em www.inarra.com.br

³³ Em 2005, um auxílio da Faperj financiou a edição do filme e a aquisição de uma câmera Sony PDX10, com a qual filmei no Benin. Uma câmera pequena e versátil para filmar *en solo*: imagem & som.

³⁴ Gisèle viajava ao Benin anualmente para visitar suas Yás e comprar produtos religiosos que vendia na sua rede de candomblé. Ela dizia que *seguia os passos de Verger*. Alguns anos depois tive a oportunidade de participar das 6^{me} Journées Scientifiques du Réseau Démographique de l'Agence Universitaire de la Francophonie, em Cotonou/Benin, onde apresentei o trabalho *Ségrégation spatiale et inégalités sociales: trajectoires de jeunes de Rio de Janeiro*. E, claro, aproveitei para seguir os passos de Gisèle na Route de Vaudours!

³⁵ Este filme ganhou dois prêmios – melhor documentário no III Festival de Filme Etnográfico de Recife (2011), e melhor edição no III Bahia Afro Film Festival (2010) – e foi selecionado para 13º Brazilian Film Festival de Paris (2011), para o Festival du Film Brésilien de Montreal (2011)

Certa vez, no retorno de Santa Cruz da Serra, paramos na Casa Gerontológica do Galeão para filmar minha avó que lá morava. Foi a partir dessa entrevista filmada que decidi retomar as filmagens de *Bebela e a revolução gaúcha de 1923* (2004), iniciadas em 1991 quando realizei o campo carioca da tese de doutorado. Outro filme que levou dez anos para ser concluído! Em www.inarra.com.br

1998 foi um marco para a antropologia visual brasileira: lançamento do primeiro livro coletânea - *Desafios da Imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*³⁶. Organizado por Bela Feldman-Bianco e Miriam Moreira Leite, o livro reunia os trabalhos apresentados em GTs e MR (Anpocs e RBA). Livro que já é um clássico da nossa antropologia visual!

De volta à família & envelhecimento

2000. Um ano marcante para quem teve todos os seus trabalhos arquivados pelo IBGE. Lançamento do meu primeiro livro *Envelhecimento e Imagem. As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro* – fruto da tese e financiado pela Faperj. O evento foi na livraria do Museu da República e lá também apresentamos o filme da tese *Em busca do pequeno paraíso*. Poucos meses depois lançamos *Família e Individualização*, organizado com François de Singly e Vincenzo Chiccelli, presentes no lançamento assim como Anália Torres e Jean-Claude Kaufmann, também autores.

1997-2000. As pesquisas anteriores, mais focadas nas questões do envelhecimento, atraíram minha curiosidade antropológica para as relações intergeracionais. Tudo indicava que a qualidade do processo de envelhecimento tinha ligação direta com as relações estabelecidas no âmbito familiar. Assim, me candidatei à bolsa Prociência/Uerj com o projeto de pesquisa ‘Trocas e transmissões entre gerações: valores, bens e serviços’, para melhor entender as relações familiares na contemporaneidade, e dar prosseguimento aos estudos comparativos internacionais. Rio de Janeiro e Paris novamente em foco, agora para estudar as transmissões entre gerações. As sessenta entrevistas com pessoas de mais de 60 anos foram realizadas por estudantes de ciências sociais da Uerj, e de sociologia da Universidade Paris V-René Descartes, sob a coordenação de Michel Bozon. Inspirada em

e para o Brazil Film Fest de Toronto (2011). Apresentado na TV Futura e na TV Sesc, além de outras mostras e festivais brasileiros.

³⁶ Publiquei o artigo ‘Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais’. 2ª edição em 2001.

Claudine Attias-Donfut & Martine Segalen (1998) e Myriam Lins de Barros (1997) observei que “os laços entre avós e netos se tecem pouco a pouco e surgem as preferências como, aliás, nas relações entre pais e filhos. (...). Mesmo afirmando amar todos os netos igualmente, no final das contas tem sempre um que é mais querido do que os outros. Em geral, a eleição afetiva se constrói ao longo da infância dos netos e raros são os avós que escolheram seu preferido a partir da adolescência, fase da vida caracterizada por uma redefinição das relações familiares. A passagem desta etapa à vida adulta é acompanhada de perto por muitos dos avós entrevistados uma vez que esta transição pode levar a uma aproximação ou a uma perturbação nas relações entre estas duas gerações.” (Peixoto 2000: 98). Os primeiros resultados dessa pesquisa foram apresentados em 1999 no Colóquio Internacional *Famille et Individualisation*³⁷, organizado pelo Centre de Recherches sur les Liens Sociaux/Cerlis, da Universidade Paris V-René Descartes.

Animada com a ampliação do campo de estudos sobre as questões ligadas às relações intergeracionais, e com a perspectiva analítica de François de Singly, enveredei por essa direção teórica para estudar o processo de individualização da família contemporânea, pois como ele afirma, “inversamente às aparências, os indivíduos que compõem as sociedades contemporâneas (ocidentais) não se parecem com os indivíduos das gerações precedentes. (...). O período do final dos anos 1960, no qual ainda vivemos, corresponde à instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos em se tornarem autônomos e seus desejos de continuar a viver, na esfera privada, com uma ou várias pessoas próximas. (...). A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos. (...). A independência, e principalmente a independência econômica, é a maneira pela qual o indivíduo pode, graças aos seus recursos pessoais retirados diretamente de sua atividade, depender menos dos próximos; a autonomia é o conhecimento do mundo no qual essa pessoa vive: mundo definido pela elaboração tanto de regras pessoais quanto, no caso da vida em comum, de regras construídas na negociação entre várias pessoas” (Singly 2000: 13-19).

No Brasil ainda discutíamos sobre a “crise” na família, em decorrência da baixa taxa de fecundidade, do aumento da esperança de vida, do

³⁷ François de Singly, sociólogo e diretor do Cerlis, organizou as coletâneas *Être soi parmi les autres* (tomo 1) e *Être soi d'un âge à l'autre* (tomo 2) em 2001, compostas dos artigos apresentados nesse colóquio. Meu artigo *Les préférences familiales. L'individualisation de l'affection dans les générations âgées* faz parte do tomo 2. Nesta versão francesa, a citação acima está na p. 196.

declínio do casamento e da banalização do divórcio. O que se observava nessas pesquisas era, de um lado, a caracterização de aspectos da vida familiar nas diferentes classes sociais ou nos setores produtivos (família favelada, família de camadas médias, família camponesa, etc.) e, de outro, uma forte tendência a tratar a “família” tanto como uma instituição social quanto e, principalmente, como um valor. Estava na hora de propor uma outra perspectiva analítica para os estudos de família no Brasil. Assim, buscando fortalecer esta interlocução, em 2000, organizei com Myriam Lins de Barros (ESS/UFRJ) e Maria Luiza Heilborn (IMS/Uerj), o Colóquio Internacional Análises Contemporâneas sobre Comportamentos Familiares. Convidamos F. de Singly e sociólogos do Cerlis, a socióloga Anália Torres do ISCTE (Lisboa) e antropólogos brasileiros (Gilberto Velho, Parry Scott, Guita Debert, entre outros) para discutir pesquisas e orientações teóricas. Três dias que marcaram nossas reflexões sobre a família contemporânea. Neste momento de efervescência dos debates lançamos o livro *Família e Individualização* (Peixoto, Singly e Cicchelli 2000), composto de artigos selecionados naquele colóquio francês de 1999. Pontaria certa, o livro se esgotou em pouco tempo!

Este evento nos levou, Myriam Lins de Barros, Malu Heilborn e eu, à criação do Grupo de Estudos sobre a Família Contemporânea/Grefac, inscrito no Diretório de Pesquisas do CNPq e à criação das coleções Família, Gênero e Cultura e Análises Sociais Contemporâneas na editora FGV³⁸. A primeira coleção já publicou oito livros e o primeiro deles³⁹ foi, justamente, o de F. de Singly *Sociologia da Família Contemporânea*, tradução minha.

1999 não acabou! Ano do meu primeiro pós-doutorado. Seria em antropologia visual⁴⁰ (EHESS) para retomar os estudos nesse campo, mas fui atraída pela proposta de Françoise Clavairolle para participar de um edital do Ministère de l’Emploi et de la Solidarité Sociale/MiRE⁴¹

³⁸ O GREFAC promoveu vários seminários e destaco apenas o Seminário Relações Familiares, sexualidade e religião (2004), organizado com L.F. Duarte do Museu Nacional. Os trabalhos foram publicados em duas coletâneas: *Sexualidade, Família e Ethos Religioso* (2005) e *Família e Religião* (2006).

³⁹ Lançamos a coleção em 2000 já com a publicação de três livros: *Sociologia da Família Contemporânea* de F. de Singly, *Sociologia da Sexualidade* de M. Bozon e a coletânea *Família e Envelhecimento*, por mim organizada.

⁴⁰ Pretendia dar seguimento à pesquisa para o *portrait* de Gisèle Omindarewá, consultando seu acervo pessoal de fotografias e filmes Super 8 que deixara no interior da França, e filma-la no Benin.

⁴¹ Esta pesquisa de pós-doutorado foi realizada no âmbito do Laboratório Techniques

sobre envelhecimento & novas tecnologias. Nosso projeto 'Política social do envelhecimento: poder da tecnologia, tecnologia do poder: estudo de um município francês' foi um dos vinte selecionados dentre mais de cem apresentados. Embarquei para a França para iniciar o trabalho de campo. Analisamos o uso de novas tecnologias pela população de mais de 60 anos em uma pequena cidade ao sul de Paris: Verrières-Le-Buisson⁴². Consideramos que as "novas tecnologias são sistematicamente associadas à juventude, dando a impressão de que somente os jovens teriam mais competência para lidar com o universo tecnológico. O que leva a pensar que as pessoas de idade avançada são refratárias às inovações tecnológicas, seja por questões econômicas ou por dificuldades de uso? Será que os valores que lhe são atribuídos, vinculados ao universo da juventude, são completamente opostos aos valores que caracterizam o envelhecimento? Sabemos, de antemão, que os valores que acompanham as novas tecnologias raramente estão associados a uma visão de mundo onde cada indivíduo teria o seu lugar; onde a experiência, a maturidade, a memória e a própria história não cederiam lugar, facilmente, às percepções construídas pelas tecnologias da comunicação e da informação. Ao interrogar sobre os estereótipos que identificam a "rejeição" das pessoas de idade às técnicas inovadoras e/ou sua suposta "incompatibilidade", procuramos investigar seu nível de "autonomia" e de "dependência" e sua capacidade para mudar comportamentos face às tecnologias disponibilizadas nos espaços público e privado" (Peixoto & Clavairolle 2005: 15). Analisar a maneira como as pessoas envelhecidas utilizam (ou são levadas a usar) as tecnologias da vida cotidiana é refletir sobre a contribuição das tecnologias aos processos de construção identitária. (idem, p. 16). Os exemplos são maravilhosos!

Uma senhora francesa incluiu entre os seus pertences tecnológicos a lixeira com pedal que acabara de comprar para provar ao filho que *já sou um pouco moderna*. Outra afirmou que o forno microondas *não é bem uma nova tecnologia, é só um aperfeiçoamento porque o princípio é sempre o mesmo: serve para esquentar!* Há também aqueles que recusam usar os distribuidores

et Culture/CNRS para o programa "Evoluções tecnológicas, dinâmica das idades e envelhecimento populacional", do Ministério do Emprego e da Solidariedade/DREES/MiRE e da Caixa Nacional de Seguros da Velhice/CNAV (Caisse Nationale d'Assurance Vieillesse), em 1999.

⁴² Politique de la vieillesse dans une municipalité de l'Essonne et développement technologique. *Cahiers de recherches de la Mire* 10, 2001. Uma versão mais extensa foi publicada na *Vibrant* 3(2), 2006 sob o título 'Politique de la vieillesse et développement technologique en France'.

automáticos dos bancos e correios porque *nada substituirá o contato humano. Eu não quero ser robotizada!*

Ainda que não estivesse desenvolvendo pesquisas no campo da antropologia visual, ela estava presente no meu dia a dia acadêmico seja nos cursos de Antropologia e Imagem (pós-graduação) e de Antropologia Visual (graduação) oferecidos anualmente, nas atividades do Grupo Imagens, Narrativas e Práticas Culturais/Inarra, nas orientações nos dois níveis, seja nas participações em congressos nacionais e internacionais e nas publicações. Na verdade, os anos 1990-2000 foram de grande investimento na construção desse campo na Uerj e no Brasil. (Koury 1999; Peixoto 1992, 1995, 1999).

2000-2003. No retorno do pós-doutorado as baixas pensões das aposentadorias eram manchetes nas mídias impressas e televisivas do país e os aposentados protestavam nas ruas. A pesquisa ‘Trabalhando... sempre: um estudo sobre aposentados que permanecem ou que se reinserem no mercado de trabalho’ revelou que, para muitos brasileiros, a aposentadoria não significa o fim da atividade profissional. O retorno ao trabalho ou o trabalho jamais interrompido é consequência de aposentadorias irrisórias e de um sistema de previdência precário, incapaz de atender a população demandante. Coexistem várias razões e maneiras para recusar a saída do mercado de trabalho seja ele formal ou informal. São, principalmente, fatores socioeconômicos e culturais (sexo, nível de instrução, condições de saúde, trajetória profissional e contexto familiar) que determinam a situação de cada indivíduo que atinge a idade da aposentadoria.

Esta pesquisa fez parte do curso Trabalho de Campo, e o interesse dos estudantes era estimulado pela pressão das ruas. O objetivo da pesquisa, que entrevistou sessenta e oito aposentados (homens e mulheres), era analisar os aspectos que caracterizavam a trajetória dessas pessoas e seus contextos familiares. Interessante que as questões e reivindicações apresentadas naquela época permanecem e são, agora, novamente discutidas diante do projeto do governo Bolsonaro⁴³ para a reforma da previdência. No artigo, publicado no livro que organizei *Família & Envelhecimento*, já dizia que “uma das preocupações maiores é a ‘crise da previdência social’, consequência do déficit do sistema previdenciário, [sendo que] o Estado brasileiro controla a revalorização do salário mínimo e, consequentemente, das aposentadorias. Além disso, há vários anos que esse sistema não atende mais ao seu

⁴³ N.A. Atualização para esta publicação (março de 2019).

objetivo primeiro, que determinava que os trabalhadores pudessem dispor, no momento da aposentadoria, de um nível de vida próximo àquele do seu período de atividade. A degradação das suas condições de vida os obriga, então, a retornar ao trabalho: esta é a realidade cotidiana de mais de um terço das pessoas aposentadas. Isto explica porque, para um bom número de brasileiros, a aposentadoria não significa o fim de uma atividade profissional e o início do uso do tempo livre. Ao contrário, ela é uma forma de reconversão, pois, no Brasil, a aposentadoria não representa uma ruptura definitiva com a vida ativa uma vez que o benefício recebido não é suficiente para sobreviver”. (Peixoto 2004: 59). Os resultados dessa pesquisa foram apresentados nas 5^{èmes} Journées Scientifiques du Réseau Démographie, em Marselha 2003, e o trabalho foi selecionado para integrar o livro *Familles au Nord, Familles au Sud*, publicado em 2005⁴⁴.

‘Tudo junto e misturado’

2000. Etienne Samain propõe uma parceria interinstitucional (‘nós e outros’) para receber o professor Philippe Dubois (Universidade Paris III-Sorbonne Nouvelle). Na Uerj, o professor francês ministrou o módulo Teorias da Imagem, no meu curso Antropologia & Imagem. Auditório lotado dado que esta disciplina eletiva da pós-graduação é bastante requisitada por estudantes de outras universidades cariocas. Neste mesmo ano, a Faculdade de Comunicação/UERJ propôs uma parceria para oferecer aos seus estudantes uma perspectiva de filme documentário diferente da linguagem televisiva. A experiência foi bem sucedida e, em 2001, fiz a primeira parceria interinstitucional com a Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade /CPDA-UFRRJ para a realização do curso “Campo e Cidade com imagens”, ministrada com Luiz Flavio de Carvalho e Hector Alimonda (CPDA). Esta experiência mostrou a necessidade de realizar Oficinas práticas para a produção de ensaios fotográficos. Assim, convidamos Miriam Moreira Leite (USP) para participar da primeira Oficina realizada na Uerj, e o fotógrafo Roosevelt Nina para a Oficina do CPDA-UFRRJ.

A parceria com o CPDA se prolongou por alguns anos e, em 2007, organizamos o Seminário *Imagens e processos históricos e sociais na América*

⁴⁴ Publicado originalmente na coletânea que organizei *Família & Envelhecimento*, em 2004: ‘Trabalhando sempre: aposentados que se reinserem no mercado de trabalho e apoio familiar’.

Latina, no campus da Ilha Grande. Participaram também Carmen Guarini (Universidade de Buenos Aires), Norma Fernandez (documentarista argentina), Etienne Samain e nossos orientandos de pós-graduação. Neste laboratório, no qual discutíamos as nossas pesquisas ao longo do dia e à noite o papo rolava no Bar da Dona Teresa, soubemos que Etienne estava prestes a se aposentar. De pronto, meus alunos⁴⁵ e eu iniciamos as filmagens de 'Etienne Samain, de um caminho a outro' (2008), que foi apresentado na 26ª RBA, Porto Seguro (2008). Filme em www.inarra.com.br.



Foi embaixo dessa árvore fogosa da Ilha Grande que Etienne nos revelou seu grande segredo: desembarcou no Brasil como pároco!

Aqui fez antropologia, abandonou a batida, entrou para a Unicamp e casou com Godeliève.

De volta ao ano de 2001, intenso em atividades de toda ordem! A começar com a Coordenação do Programa de Pós-Graduação, com Marcia Contins (2001-2002). Uma experiência sem dúvida estressante, mas que pode ser gratificante quando buscamos construir melhores condições de trabalho, ensino e pesquisa. Um edital Faperj permitiu reformar o espaço das pós-graduações do IFCH (biblioteca, auditórios multimídia, sala de estudos, etc.) e a sala de aula do PPCIS, mas principalmente, adquirir os nossos primeiros equipamentos audiovisuais.

Foi também o ano no qual iniciei a produção e realização do Programa *Cinema & Antropologia, os bastidores do filme etnográfico*⁴⁶, na TV Universitária do Rio de Janeiro. Difusão mensal e mil estratégias para entrevistar os pesquisadores que não viviam no Rio. Participei de inúmeros seminários e congressos brasileiros e, sem equipamentos, solicitava o apoio dos colegas locais para gravar as entrevistas. Duas entrevistas internacionais foram realizadas longe dos trópicos: com Virginie de Véricourt (antropóloga francesa) e com Paul Henley (Universidade de Manchester). Um trabalho

⁴⁵ César Augusto de Carvalho, Gleice Mattos Luz, Barbara Copque e Fabiana Bruno, orientanda de E. Samain..

⁴⁶ Consultar, no final do memorial, os títulos dos trinta e sete programas realizados até o momento, disponíveis no site do Inarra www.inarra.com.br.

insano de produção, realização e edição para o programa ir ao ar e não perder o lugar na grade privilegiada das 21h de domingo. *Cinema & Antropologia* permaneceu na grade televisiva durante quatro anos e produziu programas de entrevistas com pesquisadores que relatam os bastidores da realização e apresenta o filme na íntegra. Em 2005 não resisti às exigências da TV Universitária que se moldava aos canais comerciais e encerrei a ‘carreira de apresentadora televisiva’! Mas, não desisti da série. Em 2016, com o Inarra melhor estruturado, reiniciamos *Cinema & Antropologia*, os bastidores do filme etnográfico.

Em junho de 2001 embarquei para Göttingen com Sylvia Caiuby para a Conferência Internacional *Origins of Visual Anthropology. Putting the Past Together*. Objetivo: conhecer e escutar os grandes nomes da antropologia visual. Um momento histórico já que este foi o primeiro reencontro dos pais fundadores da antropologia visual depois da famosa 1ª Conferência Internacional de Antropologia Visual de Chicago, em 1973, organizada por Paul Hockings e Margaret Mead! Neste reencontro de 2001, P. Hockings relembrou as escolas fundadoras da antropologia visual: *cinéma-vérité* e *observational cinema*. O que diferenciaria uma escola da outra é que o *observational cinema* surgiu e se desenvolveu no mundo universitário (University of California Los Angeles/UCLA). Ele, Colin Young, Ian Dunlop e outros mantinham uma relação estreita com as ciências sociais, sobretudo com a antropologia. Já o *cinéma-vérité*, criado por Jean Rouch e Chris Marker, teve maior repercussão junto aos cineasta e pouco se expandiu no mundo universitário europeu, exceto em uma ou outra universidade francesa.

Galeria dos pais fundadores da antropologia visual presentes em Göttingen

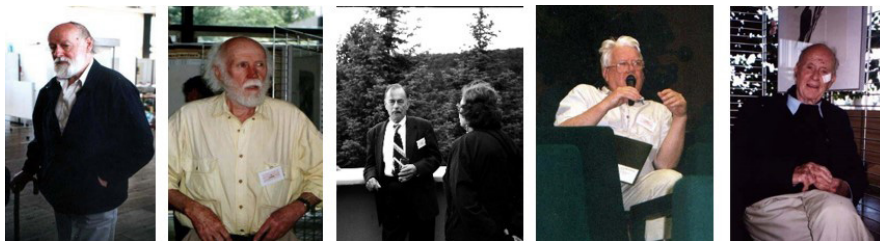




Foto de S. Caiuby

'Diria que este histórico reencontro terminou em estilo nada latino: um grande jantar fora da cidade, em um restaurante típico, cujas longas mesas de madeira deixavam pouco espaço para a circulação, passamos a noite conversando muito e fazendo projetos para novos encontros já que música não havia e muito menos baile...' (Peixoto 2002).

Conversando com Richard Leacock e ao lado de Paul Hockings. Sem tempo para os talheres, a conversa predominava!

Ainda em 2001 fui indicada pela 'rede'⁴⁷ de pesquisadores da antropologia visual para compor a Comissão da Imagem da Anpocs. Com Ana Maria Galano/UFRJ e Lisabete Coradini/UFRN organizamos as exposições fotográficas *Agudas: os "brasileiros da África*, de Milton Guran e *Observações fortuitas sobre o Japão*, de Fernando de Tacca, e as *Sessões de Vídeo: Curtas Urbanas e Documentários sobre músicos e música*.

No retorno da Anpocs, me juntei às amigas-colegas para organizar mais um Seminário do Grefac sobre Família, Gênero e Sexualidade (11/2001). Os seminários eram semestrais, com convidados. Em 2001, Michel Bozon e eu apresentamos 'Uma sociedade sem casamento nem paternidade' sobre a etnia chinesa Na, estudada pelo antropólogo Cai Hua. Analisamos o livro e o filme⁴⁸. A sociedade Na, no sudoeste da China, "possui um dos mais absolutos sistemas de matrilinearidade & matrilocidade de que se tem conhecimento, no qual o casamento e a paternidade não existem, sendo somente a mãe quem legitima os filhos". A ideia de mostrar em imagens esse aspecto é, sem dúvida, interessante, e a análise dos dois produtos da tese de Cai Hua foi estimulante. (Peixoto & Bozon 2003: 81).

2001 parecia não acabar! Em dezembro fui convidada pela Universidade de La Plata, Argentina, para dar um curso concentrado de Antropologia Visual na pós-Graduação da Facultad de Ciencias Naturales y Museo. Era a

⁴⁷ Nos anos 1993-1994, no âmbito da reunião da Anpocs, organizamos uma rede de pesquisadores com o objetivo de criar espaços para a construção do campo da antropologia visual no Brasil.

⁴⁸ Artigo publicado em *Cadernos de Antropologia e Imagem* 17, 2003.

primeira vez que este Programa oferecia um curso de antropologia visual. Foram dez dias de atividades intensas, envoltas em uma crise política e econômica colossal: sem pagamento e sem o reembolso da passagem que adquirir, os professores e alunos se desdobraram para me convidar para ‘comidas, cervezas, passeos y debates políticos’! De La Plata segui para a Universidade de Buenos Aires, convidada por Carmen Guarini, para dar uma palestra sobre a antropologia visual brasileira. Volto para o Brasil sem um tostão e mais trabalho: uma coorientação de doutorado e membro do corpo de pareceristas ad hoc do Conicet.

2002 inicia com a preparação do Prêmio Pierre Verger de Filme Etnográfico para o qual fui convidada a presidir (2002). Minha primeira proposta para a ABA foi a criação do concurso para Ensaio Fotográfico, afinal Pierre Verger era fotógrafo e não cineasta! Criamos, assim, o I Prêmio Pierre Verger de Ensaio Fotográfico, e na 23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (Gramado) organizamos uma exposição fotográfica com os cinco vencedores.

Este foi um ano de preparação de vários seminários nos campos da antropologia visual e da família. Dentre eles destaco um do Grefac ‘Família e redes sociais no espaço urbano’, no qual discutimos questões sobre as redes de solidariedade familiar: como elas se manifestaram nas últimas décadas e que ligações teriam com as transformações dos padrões familiares. O outro, do Inarra foi ‘Cinema & Ciências Sociais’⁴⁹. Era ano de lançamento de dois filmes que marcaram a história do documentário: *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, e *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles e Katia Lund. Participaram das mesas: Eduardo Coutinho, Katia Lund, Wladimir Carvalho, Geraldo Sarno, Consuelo Lins, Ivanna Bentes, Sylvia Caiuby e Paulo Lins. Dois dias de debates acirrados sobre real & ficção e cinema & violência⁵⁰. Auditório lotado (250 lugares)!

Quanto às pesquisas, fui convidada por Clara Araújo e Celi Scalon a integrar um grupo de dez pesquisadores brasileiros para realizar a pesquisa Gênero, Trabalho e Família em perspectiva comparada, do International Social Survey Program/ISSP (2002-2005). Tratava-se de um programa internacional de investigação e criação de banco de dados internacionais

⁴⁹ Nessa época, a linha de pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Culturais era formada por Helena Bomeny, João Trajano Sento-Sé, Myrian S. dos Santos, Valter Sinder e eu. Junto com nossos estudantes organizamos este Seminário.

⁵⁰ Os artigos e debates foram publicados em *Interseções*. Revista de Estudos Interdisciplinares 5(1), 2003.

sobre estes temas sociológicos, e fiquei responsável pelas relações intergeracionais⁵¹.

2002. Recebi um convite da Reitoria da Universidade para participar da 3ª Convenção Internacional de Educação Superior, em Havana, e apresentar a antropologia visual que desenvolvíamos na Uerj⁵². Como não aceitar a viagem dos sonhos de juventude?

2003. Foi o ano dos acordos científicos! Embalada pelas relações criadas com o diretor e pesquisadores do Cerlis/Universidade Paris V-René-Descartes e com pesquisadores portugueses do ISCTE, propus à Uerj a elaboração de convênios internacionais com os dois centros. Foram os dois primeiros acordos realizados pelas Ciências Sociais da Uerj, e que duraram quase dez anos de trocas entre pesquisadores e de oportunidade de estágios ‘sanduíche’ para nossos estudantes, inclusive para os de outros institutos da universidade.

Nesse mesmo ano elaborei o projeto ‘Indivíduo e Memória Social’, cujo objetivo era estudar a memória individual como um ponto de vista da memória coletiva (Halbwachs) e realizar filmes *portrait*, pois considero que as biografias são fontes metodológicas eficientes para a compreensão dos processos de construção da memória social já que revelam o passado por meio da memória de seus personagens. Os filmes *portraits* podem ser vistos como um recurso fecundo para a reconstituição dos lugares e tempos de memória porque eles permitem uma composição mais completa e complexa entre textos visuais (fotografias, iconografias, filmes de arquivo, etc.) e textos escritos (jornais, cartas, documentos diversos, etc.) quando ordenados em consonância aos gestos, emoções e falas dos indivíduos, transformados em personagens principais desses filmes *portraits*. Nesse sentido, a inserção de imagens fixas nestes filmes não deixa de ser “um convite metafórico para sentar no banco ao lado e contemplá-las”, como diz B. Stiegler (2009: 15). Ao atuar como artefato de memória essa miscelânea de imagens pressiona os mecanismos de rememoração, aflorando a expressão dos sentimentos. É a memória afetiva desse passado fixado em imagens que vemos manifestar-se na tela. Mais do que isso, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a

⁵¹ ‘Solidariedade familiar intergeracional’, publicado em Araújo C & Scalón C. *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*, 2005.

⁵² Apresentei o trabalho ‘Antropologia Visual: reflexiones sobre el uso de imágenes en la enseñanza y la investigación antropológica’.

libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff 2003: 471).

A memória em imagens tem sido muito explorada pela antropologia visual através do *feedback*, um instrumento que incita as pessoas filmadas a discorrerem sobre as imagens projetadas: imagens do Outro, imagem de si. O pesquisador põe em evidência o universo social do filme e desenvolve o argumento central nos agentes da história, focalizando nas relações do tempo com a história, a história do tempo, tempo e memória (Peixoto 2012: 348). Seria este o mesmo exercício de elaboração de um memorial?

Este projeto não tinha data para acabar já que o meu tempo de filmagem é sempre longo por conta das inúmeras atividades que vou encampando. Diria que a maioria dos meus filmes foi realizada no âmbito desse projeto e do projeto de Extensão ‘A imagem na pesquisa social: percepção e memória nos filmes e fotografias etnográficas’.

2004. ‘Trajetórias juvenis: construção da autonomia e apoio familiar’ (2004-2005). Fruto de uma disciplina na graduação - Trabalho de Campo - o tema foi escolhido pelos alunos e a pesquisa desenvolvida com alguns deles⁵³: aprender a elaborar um projeto, construir o universo, realizar e analisar as entrevistas, redigir um artigo. A literatura indicava que os processos de autonomia parental são diferenciados conforme os pertencimentos sociais, sendo múltiplas as estratégias para obter a independência familiar. Pois, “nas sociedades contemporâneas, a passagem de uma etapa da vida a outra é mais rápida e mais direta, mesmo se o prolongamento dos estudos e a entrada tardia na vida ativa leve a coabitação mais longa com os pais. Isso não impede os jovens a serem autônomos” (Peixoto at al 2009). Ou seja, “o princípio da escolha inscreve no vínculo (*lien*) a expressão da liberdade individual, ele concilia assim o individual e o coletivo. Ele não regula o problema da fragilidade [do vínculo], mas consegue fazer com que o individualismo seja relacional” (Singly 2003: 19).

Selecionamos jovens estudantes de 17 a 27 anos, moradores das Zonas Norte, Sul e Oeste do Rio de Janeiro, pertencentes às camadas populares e médias. A população de jovens pobres universitários cresceu muito nos últimos anos. Para ela, os estudos universitários ou as especializações técnica, esportiva ou artística são os meios de aceder a um mercado de trabalho cada vez mais exigente. Ela se depara, contudo, com inúmeras dificuldades para continuar estudando. Muitas foram as razões apontadas: eles têm um

⁵³ Os estudantes Eduardo Ribeiro, Isis R. Martins, Júlio Cesar V. Ferreira, Kelly Pedroza Santos, Mariana Leal, Margareth Maria Mendes e Paulo Gustavo Tavares participaram das etapas finais (análise e redação artigo).

déficit escolar em relação aos jovens das camadas médias e superiores, o que cria uma desvantagem na aprendizagem; as universidades públicas estão localizadas longe da moradia e o custo do transporte é muito alto. Além disso, eles não têm meios para adquirir livros (predomina o sistema de xerox) e as bibliotecas não dispõem de vários exemplares. Comparamos as estratégias dos jovens de camadas médias e populares para continuar estudando e/ou trabalhando, com vistas à construção de sua autonomia. (Peixoto et al. 2009).

Experiência de um ano que resultou na publicação de um artigo. Ainda estudantes de graduação eles já eram coautores em publicação francesa⁵⁴!

A divulgação dessa pesquisa resultou em um convite para participar do grupo de trabalho Pauvreté, solidarités et transferts intergénérationnels, do Centre Population et Développement/CEPED, Paris 2005-2006. As pesquisas e os debates deste grupo giravam em torno dos levantamentos demográficos e me traziam de volta à análise de estatísticas. No final de um ano trabalho decidi me desligar do CEPED.

Ainda em 2004 fui convidada pelo Mestrado de Economia Doméstica, da Universidade Federal de Viçosa, a dar um minicurso sobre Família e Relações Intergeracionais, abordando também a produção e análise de imagens. O curso ‘Imagens da e sobre a Família’⁵⁵ permitiu aliar os interesses de professores e estudantes, e os meus também. Esse foi o primeiro de muitos outros cursos sobre essa temática, e que estimularam a edição do filme *Bebela e a revolução gaúcha de 1923*, que iniciara em 1991. Naquela época queria apenas registrar as histórias da minha avó sobre a sua participação, e a de meu avô, nessa revolução. Um filme de família. Mas, as conversas com minha avó me levaram a pesquisar esse momento da história do Rio Grande do Sul nos arquivos públicos, garimpando documentos deste período (jornais, relatórios e fotografias) que “objetivassem” seus relatos e suas imagens “subjetivas”, apoiadas no seu álbum de fotografias, e que permitissem encontrar as relações possíveis entre sua memória e a memória coletiva (Peixoto 2008). O filme de família se transformou em um documento histórico, pois revelou a participação feminina nas revoluções gaúchas de 1923 e 1930, raramente declarada na história oficial brasileira.

⁵⁴ Trajectoires des jeunes de Rio de Janeiro. Diversités et enjeux sociaux? (2009).

⁵⁵ Acabara de editar *Cadernos de Antropologia e Imagem* 17, Famílias em imagens, que foi fundamental para o curso. Levei uma mala cheia de exemplares! Aliás, além de editora era também vendedora da revista, levando exemplares para todos os congressos que participava.



Estação ferroviária de Cruz Alta, recebendo os líderes 'maragatos'.

Ao mostrar a foto para Bebela, ela lembrou o nome de cada um deles e, de repente, 'mas essa sou eu, de chapéu! Naquela época a gente não saía sem chapéu.

'E olha aí, os gaúchos de buquê de flores na mão! Essa tá boa!'



Cada fotografia remetia Bebela ao seu passado, agora revisitado no presente, e revelava que sua memória estava nitidamente vinculada às imagens fotográficas.

2005 – Ano de provação! Defesa de tese dos meus três primeiros orientados de doutorado. A primeira delas no campo da família, a segunda no da antropologia visual e a terceira inserida nos dois campos. Passei na prova.

Ainda neste ano fui convidada pela socióloga colombiana Yolanda Puyana, da Universidade Nacional de Colômbia, para participar do Seminário Internacional Familias, Cambios y Estrategias, promovido pela Prefeitura de Bogotá e Faculdade de Ciências Humanas. Um evento voltado para a discussão de políticas sociais para a família. Cinco especialistas internacionais foram convidados para apresentar um panorama das políticas sociais de seus países, e fui uma delas⁵⁶. Me debrucei novamente

⁵⁶ Proferi duas conferências: 'Brasil: transiciones demográficas y urbanas, transformaciones familiares y políticas sociales' e 'Familia y envejecimiento en Brasil: sobre las relaciones intergeneracionales', publicadas em Puyana Y & Ramírez M-I. *Familias, cambios y estrategias*, 2007.

sobre as estatísticas oficiais para apresentar as mudanças demográficas ocorridas no Brasil entre 1960-1990, destacando os desequilíbrios regionais e as desigualdades sociais e afirmando que é por meio da implementação de políticas sociais para a família e da universalização dos serviços públicos e sociais, da proteção integral e da qualificação da mão de obra que o Brasil logrará diminuir as desigualdades sociais.

Este seminário foi cenário de vários encontros e convites. No ano seguinte fui convidada para o Encuentro de Antropología de la Universidad Nacional de Colombia⁵⁷, em Bogotá, e para o Comitê de seleção de trabalhos do concurso 'La estructura familiar en el contexto cultural y socioeconómico de hoy', em Medellín⁵⁸.

Ainda em 2005, como membro da Agence Universitaire de la Francophonie (AUF) fui estimulada a participar da reunião no âmbito do XXV Congrès International de la Population⁵⁹, na cidade de Tours, França.

As participações em congressos e seminários nacionais e internacionais se desenrolavam ao mesmo tempo em que as pesquisas, e infelizmente os dois campos – Família & Imagem – nem sempre se conectavam. Por exemplo, o segundo pós-doutorado realizado no Centre de Recherches sur les Liens Sociaux/Cerlis, Universidade Paris V-René Descartes, em 2006, foi uma retomada dos meus estudos comparativos França-Brasil e, novamente, sobre uma questão específica do processo de envelhecimento: a violência contra velhos.

A pesquisa 'Violência doméstica e violência institucional: a vitimização das pessoas envelhecidas' (2005-2010) visava preencher um vazio na grade de estudos sobre violência familiar. Muitas pesquisas sobre violência doméstica (praticada contra mulheres e crianças) e violência institucional, e raras sobre violência contra as pessoas de mais idade, inclusive as estatísticas oficiais sobre esse fenômeno eram precárias. Uma pesquisa comparativa ambiciosa que se propôs analisar os fatores socioeconômicos e culturais que influenciavam os comportamentos familiares violentos e as relações institucionais entre asilados e profissionais, nesses dois países⁶⁰.

⁵⁷ Apresentei o trabalho *Envejecimiento y innovación tecnológica: usos, representaciones y políticas*.

⁵⁸ Proferi a conferência *Políticas sociais e transformações familiares no Brasil*.

⁵⁹ Inscrevi o trabalho *Retour au travail après 60 ans au Brésil: le poids des transferts intergénérationnels privés*.

⁶⁰ A pesquisa empregou três técnicas: quantitativa (análise das estatísticas produzidas por entidades oficiais – Delegacia do Idoso, Instituto de Segurança Pública no Rio, e por

Na França, governantes, planejadores sociais e pesquisadores buscaram soluções para remediar o que chamam de "choque demográfico"⁶¹ - que provoca desequilíbrios diversos nas estruturas econômica e social da sociedade, e criaram políticas sociais para a velhice para além das pensões de aposentadoria e assistência médica gratuita que ofereciam diversos serviços para manter essa população em suas casas com mais autonomia (custo menor que subsidiar casas de repouso ou hospitais gerontológicos). No Brasil, a criação tardia do Estatuto do Idoso (2003) regulou direitos & deveres e, principalmente, distribuiu as responsabilidades entre o Estado e a família no cuidado dos seus velhos. Contudo, falta fiscalização e vigilância do Estado para coibir o crescente aumento das violências familiares e institucionais contra os velhos, como apontam as estatísticas oficiais - agora atentas ao fenômeno - e as pesquisas sócio antropológicas. Estas revelam que o agressor é sempre um membro da família, em geral, um filho (a), genro/nora, neto (a). Os abusos, negligências e maus-tratos são mais recorrentes nas situações de coabitação entre gerações, pois ela implica em uma contribuição material e financeira, mas também um apoio logístico nas tarefas domésticas cotidianas e suporte moral e afetivo. Difícil manter a boa distância quando duas, três ou até quatro gerações vivem sob o mesmo teto. Existem tensões e conflitos que geram maus-tratos, abusos e abandono. (Peixoto 2009, 2011, 2014, 2015, 2016).

Esta pesquisa visava o reencontro dos dois campos de estudo que me são caros: envelhecimento & imagem. O projeto propôs o uso de imagens (fotos e filmes) em todos os espaços do universo da pesquisa tanto nas entrevistas com os velhos vítimas de violência e no registro das denúncias nas Delegacias do Idoso quanto nas instituições gerontológicas do Rio e de Paris. Uma proposta pretenciosa, pois sabia que teria dificuldade para obter autorizações dado que as violências não são praticadas diante de câmeras, mas quem sabe (?) os relatos sim. Impossível, considerando que os principais agressores dos velhos são familiares, eles não querem se arriscar e expor seus agressores com medo de represálias. Quanto às instituições gerontológicas: o Hospital francês Charles Richet, no município de Villiers-le-Bel (17km de Paris) não permitiu o registro de imagens, mas liberou as

Associações francesas de proteção aos idosos); qualitativa (observação direta e entrevistas), e audiovisual (registro fotográfico e fílmico).

⁶¹ Crescimento elevado da população de mais de 60 anos provocado pela entrada da coorte dos *baby boomers* na faixa de 60 anos e pela redução da mortalidade nas idades avançadas (mais de 80 anos), gerando uma população aposentada bastante significativa.

fotografias do seu banco de imagens e abriu as portas para a pesquisa⁶². No Rio, duas instituições (uma pública e uma privada) foram estudadas. A privada negou o registro de imagens, e após o início da pesquisa, interditou nossa entrada na clínica geriátrica. A saída foi trocar o crachá de estudante⁶³ para o de visitante a um senhor residente interessado em relatar sua história e os maus tratos ali cometidos⁶⁴. A instituição pública não só tudo autorizou como estimulou a divulgação dos resultados da pesquisa. À nova direção interessava mostrar as reformulações e a política de ‘bem tratar’ dirigida aos velhos asilados. Com os portões escancarados para pesquisa ali permanecemos⁶⁵ uns quatro anos: entrevistas com residentes, agentes de saúde (médicos, enfermeiros & cuidadores, psicólogos, geriatra, nutricionista), agentes administrativos (setores de cozinha, serviço social, recreação, etc.) e com a direção. O objetivo era conhecer a dinâmica da instituição asilar e o significado da institucionalização para agentes e residentes, pois “a vida em instituição é um microcosmo à parte, que modifica as regras sociais e induz a uma distorção das relações entre os indivíduos, implicando em uma restrição da liberdade das pessoas institucionalizadas, da sua possibilidade de escolha e da realização dos seus desejos”. (Peixoto 2015: 95).

⁶² Trabalho de campo realizado no pós-doutorado no Cerlis/Paris V, sob supervisão de François de Singly, que mediou o contato e a autorização para estudar este hospital gerontológico. O artigo ‘Nova política francesa para o envelhecimento: *le bien vieillir*’ (2008) analisa essas fotos institucionais.

⁶³ Trabalho de campo realizado em 2005 pelo então estudante PIBIC, hoje doutor, Michel Alcoforado.

⁶⁴ Os artigos ‘Sobre a institucionalização da velhice e as condições de asilamento’ (2011) e ‘The body of the Other: to treat well or mistreat? Tensions and mistreatment at the end of life’ (2014) analisam as instituições de asilamento. Dois outros artigos revelam e analisam as imagens do asilamento: ‘As coisas não são como a gente quer... Viver e morrer em instituição asilar’ (2015) e “Images et récits sur l’entrée en institution” (2016).

⁶⁵ A pesquisa foi realizada com bolsistas PIBIC que se revezaram ao longo dos anos. Barbara Copque, pesquisadora do Inarra, produziu as fotografias. Os estudantes e eu realizamos o filme *IntraMuros* (2015).

Nos quartos, para duas ou quatro pessoas, o canto de cada um é o entorno da cama



Espaços coletivos, de negociações de lugares e programas de TV



Fotos da antropóloga Barbara Copque

Ao longo da pesquisa percebi que uma conjunção de diversos fatores induz as pessoas a viverem em instituição pública: estado de saúde, relações familiares, conjunturas sociais, precariedade financeira, ausência de soluções alternativas entre outros. Rupturas para uns, nova etapa da vida para outros. De todo modo, a maioria dessas pessoas institucionalizadas vive em isolamento social e familiar. (Peixoto 2016). O filme *IntraMuros* pretendia mostrar essa violência institucional silenciosa que se revela em imagens por meio das expressões, gestos e emoções, possibilitando assim analisar o sentido da violência sofrida e suas representações. Entrevistas filmadas que revelariam a construção das diversas relações entre os atores da cena gerontológica. Mas, ao longo das filmagens percebi que seus relatos acentuavam as razões da institucionalização e o abandono familiar. Mudei o foco, deixando que contassem suas histórias, as razões do seu asilamento e a vivência no Abrigo, alguns desde a infância. Filme em www.inarra.com.br

Ainda no período do pós doc parisiense (2006) tive a oportunidade de visitar Paul Henley em Oxford, Inglaterra, onde realizei, com Sylvia Caiuby Novaes, uma entrevista filmada sobre o seu filme *Faces in the crowd* para a série 'Cinema e Antropologia: os bastidores do filme etnográfico'. Parte desta entrevista, sobre sua trajetória como antropólogo visual, foi publicada na *Revista de Antropologia* (2008).

Paralelamente à esta pesquisa⁶⁶ desenvolvi duas outras vinculadas à Extensão: 'A imagem na pesquisa social: percepção e memória nos filmes e fotografias etnográficas' (2007-2010); e 'A imagem nas ciências sociais: pesquisa & extensão'⁶⁷ (2011-2015). Estes foram períodos nos quais o Inarra desenvolvia várias atividades (produção de filmes, construção de acervo fílmico, realização de workshops e oficinas de imagem, seminários anuais Imagens & Narrativas, entre outras) e a inserção de estudantes era fundamental para a realização de todas elas. O primeiro projeto foi desenvolvido no âmbito de duas linhas de pesquisa: a) produção e análise de imagens; b) memória & imagens. Na verdade, ele retomava o espírito da pesquisa anterior 'Indivíduo e Memória Social' e alavancava a realização de outros filmes como *Ilha Grande em outros tempos* (2010) e o filme *portrait Roberto DaMatta e seus carnavais, malandros e heróis* (2013). Os estudantes vinculados ao Inarra participam na produção dos filmes e nas pesquisas em arquivos públicos que estes demandam, mas também, no aprendizado da organização de eventos.



Oficina para as filmagens de *Ilha Grande em outros tempos*.



1ª Oficina de imagens & som do Inarra, 2001.

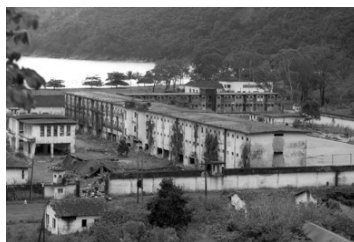
Ilha Grande em outros tempos. Um filme de memória que procura reconstruir um conjunto de elementos constitutivos da história prisional desse lugar: acontecimentos, indivíduos, ruínas. A ideia, aqui, era a de recuperar os fragmentos da memória de alguns daqueles que viveram no presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, e que ainda moram nesse lugar. O narrador principal dessa história é Seu Júlio, um ex-detento.

⁶⁶ Financiada pelo CNPq e pelo Prociência Uerj.

⁶⁷ Pesquisa foi financiada pelo programa EXTPESQ (2010) da Faperj.



Seu Júlio nos conduziu por esses lugares de memória, contando as suas histórias sobre o cárcere.



Sua fala é entrecortada pelos relatos de alguns daqueles que foram os seus algozes: os agentes penitenciários e os policiais. Os personagens do filme guardam objetos (facões e escudos improvisados pelos detentos, cartas e mapas, recortes de jornais e revistas, etc.) e, fundamentalmente, a memória de certos acontecimentos. São seus relatos, objetos e as ruínas do presídio que evocam esse momento da história carcerária do Rio de Janeiro. Mas não só. Os trechos de filmes encontrados no Arquivo Nacional da Cidade reforçam os testemunhos do tempo passado e apresentam, no tempo presente, a história em imagens. São pequenos filmes produzidos pela Agência Nacional para difusão pública, e que não somente alternam o enquadramento fixo das entrevistas filmadas como são imagens que testemunham essa realidade que emana do relato do narrador. (Peixoto 2012). Um filme realizado com meus orientandos. Em www.inarra.com.br

Como apontei acima, a realização do *portrait Roberto DaMatta e seus carnavais, malandros e heróis*⁶⁸ era um projeto antigo com o colega e amigo Valter Sinder. A narrativa fílmica foi então construída nas conversas de DaMatta com seu interlocutor e amigo. Através dele ele esboça sua trajetória: desde a admissão ao Museu Nacional, e coordenador do Programa de Pós-Graduação/Museu Nacional (1972-1976) num dos períodos mais violentos da ditadura militar, até a chegada à PUC do Rio, onde hoje leciona. O projeto fílmico tinha uma dupla motivação: focalizar tanto na *persona* do antropólogo fluminense quanto nas reflexões publicadas em sua ampla obra, especialmente no livro clássico *Carnavais, malandros e heróis* (1979), que se tornou referência nas Ciências Humanas posto que é uma matização de nossos paradoxos, fraturas societárias e dinâmicas sociais.

⁶⁸ O projeto fílmico recebeu financiamento da Faperj para a edição.



Roberto DaMatta, Valter Sinder e pesquisadores do Inarra: Gleice Mattos Luz, Mariana Leal e Barbara Copque

O filme procura mostrar a visão desse antropólogo iconoclasta sobre a sociedade brasileira caracterizada, por ele próprio, “de viés aristocrático, escravocrata e capitalista”. Ele apresenta suas instigantes interpretações e corrosivos comentários sobre as situações brasileiras cotidianas, bem como revela os atos rotineiros e curiosidades como seu lado cantor, só revelado entre amigos. Em www.inarra.com.br

Estes projetos de pesquisa & extensão visavam duas propostas que me são caras: a realização dos filmes *portrait* e a elaboração de VídeoAulas de antropologia visual para a divulgação no site do Inarra. A proposta dessas aulas virtuais objetiva ampliar os instrumentos de formação em antropologia visual, criando uma ferramenta de amplo acesso. Elas permitiam, ainda, analisar as diversas experiências de uso de imagens (fixas e em movimento) e suas situações particulares, pois acredito que ao aprofundar a reflexão teórico-metodológica da linguagem imagética criamos narrativas visuais que possibilitam uma dupla apresentação dos resultados da pesquisa: textos escritos e textos visuais.

As primeiras VídeoAulas foram realizadas para o curso à distância de Especialização em Gênero e Sexualidade, uma parceria com o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos/CLAM, do Instituto de Medicina Social-UERJ. Produzimos oito VídeoAulas sobre os temas de Gênero, Sexualidade e orientação sexual, Direitos sexuais e reprodutivos, A construção do conhecimento em gênero e sexualidade.

Experiência e tanto para avaliar como realizaríamos as VídeoAulas de Antropologia Visual.

No meio do caminho

2008-2013. Mesmo sem pertencer a um Programa de Pós-Graduação em Antropologia fui convidada pela Coordenação dessa área, na Capes, para compor a Comissão de elaboração do Roteiro de Avaliação da Produção Audiovisual (Qualis Imagem), juntamente com Sylvia Caiuby Novaes, Carmen Rial e Ana Luiza Rocha. Um trabalho que demandou muitas consultas, discussões e tensões até ser aprovado pelo CTC da Capes. Sem dúvida, uma vitória para a antropologia visual brasileira. Em 2010, também fiz parte da Comissão de Avaliação trienal da produção audiovisual de 2010-2013. Contudo, como não pertenço a um programa de antropologia, minha produção audiovisual e a dos membros do Inarra ainda não é avaliada como produção intelectual!

2008-2010. Em 2008 assumi a coordenação do Comitê de Antropologia Visual/CAV⁶⁹, da Associação Brasileira de Antropologia. Tinha pela frente a organização de todas as atividades ligadas à antropologia visual e ao Concurso Pierre Verger na 27ª RBA (Belém 2010). Sylvia Caiuby Novaes presidiu o Prêmio Pierre Verger de Vídeo Etnográfico e Ensaio Fotográfico. Novamente, nossa parceria entrava em cena.

No início dessa coordenação propus à Diretoria da ABA, com Claudia Turra-Magni, a produção de uma coleção composta de oito DVDs contendo vinte filmes etnográficos e quatorze ensaios fotográficos premiados pela ABA nos concursos Pierre Verger, entre os anos de 1996-2008. Esta coleção (2010) foi distribuída aos vencedores dos concursos promovidos pela ABA na 27ª RBA. Ao produzir esta coleção comemorativa dos doze anos do Prêmio Pierre Verger, me dei conta de que nunca tinha participado desse concurso, mesmo já tendo realizado dois filmes nesse período!

Em 2008 decidi investir em parcerias para além de nossas fronteiras para melhor conhecer a antropologia visual latinoamericana e divulgar a nossa. Assim, como era membro da Comissão de Imagem e Som da Anpocs (2007-2009), no 32º Encontro desta associação (2008) organizei o Simpósio Ciências Sociais e Pesquisa com imagem na América Latina, convidando Carmen Guarini (Universidade de Buenos Aires), Gastón Carreño (Universidade de Humanismo Cristiano, Chile), Renato Athias (UFPE) e Sylvia Caiuby Novaes (USP). Nesse mesmo ano, retribuindo o convite, Carmen Guarini propôs uma parceria para coordenar o GT 'Investigação Audiovisual: de lo 'crudo' a lo 'cosido', no IX Congresso Argentino de Antropologia Social,

⁶⁹ Fui membro do CAV nos biênios 2007-2009 e 2010-2012.

Posadas 2008. A partir daí coordenamos a mesa redonda Imagem e Pesquisa na América Latina, na VIII Reunião de Antropologia do Mercosul, Buenos Aires 2009; e a mesa redonda Antropología y Visualidades, na X Reunião de Antropologia do Mercosul, Córdoba 2013.

Seguindo nessa rubrica

2011. Ano de realização do primeiro Seminário Imagens & Narrativas a nível internacional⁷⁰. Convidamos Bill Nichols (EUA), Catarina Alves Costa (Portugal), Irène Jonas (França), Carmen Guarini (Argentina), Lourdes Roca (México), Gastón Carreño (Chile) e nossos parceiros brasileiros: Sylvia Caiuby Novaes e Paula Morgado (USP); Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha (UFRGS), Lisabete Coradini (UFRN), Marco Antônio Gonçalves e Eliska Altmann (UFRJ). Dois dias de intensos debates, exposições fotográficas e apresentação de filmes; um DVD Rom produzido com artigos e ensaios fotográficos⁷¹; a realização da primeira VídeoAula de antropologia visual: O Cinema Documentário, por Bill Nichols. Três anos depois, com o apoio da organização do Seminário PPCIS 20 Anos, realizamos mais três VídeoAulas: Produção e Realização do Filme Etnográfico, por Catarina Alves Costa; A fotografia na Antropologia, por Sylvia Caiuby Novaes e Filmes de Memória, por Carmen Guarini. Dois anos depois produzimos O cinema moçambicano, por Lisabete Coradini e Teorias Antropológicas da Cultura e sua tradução imagética, por Marcos Albuquerque.

Já que o tema é VídeoAulas seguimos produzindo: Imagens do mundo rural, por José Roberto Novaes e A fotografia de João Roberto Ripper. Outras virão, inclusive Imagens da e sobre a Família que pretendo realizar. Disponíveis no site do Inarra.

Com recursos do projeto de Extensão financiado pela Faperj, acima referido, organizamos o Workshop Antropologia Visual: Introspecção,

⁷⁰ Os Seminários Imagens & Narrativas começaram em 2008, tendo como objetivo promover debates sobre a antropologia audiovisual. No I Seminário realizamos um duo com a Universidade de Laval/Quebec, apresentando os trabalhos de Francine Saillant e Pedro Simonard e dos membros do Inarra. No II Seminário (2009) o debate foi com Marco Antônio Gonçalves e seu grupo NextImagem (PPGSA/UFRJ); no III Imagens & Narrativas obtivemos financiamento das três agências de fomento para a realização do I Seminário Internacional. Continuamos nos anos seguintes: IV Inarra sobre Antropologia Visual Fluminense com participação da UENF, UFF, UFRJ, UFRRJ (2013); o V Inarra discutiu as questões de Direito Autoral de Imagens, Sons e Web (2015), um debate com especialistas da área do direito e da antropologia visual & direito. Caminhamos para VI Imagens & Narrativas.

⁷¹ DVD Rom Imagens e Narrativas, 2012. ISBN 978-85-86065-10-1.

Exclusão e Isolamento (2011): 81 inscritos para 25 vagas! Gleice Mattos Luz (PNPD) e Barbara Copque (recém doutora) coordenaram o workshop sob minha supervisão.

Inspirada nessas experiências de cursos de curta duração, ao ser convidada pelo Departamento de Antropologia da UFRN para participar da Semana de Iniciação Científica, em 2011, propus a realização de um minicurso de Antropologia Visual. Retornei em 2014 e 2015 para realizar outros dois: Workshop I: Antropologia e Imagem e Workshop II: Imagens da Família.

2011 foi também o ano de lançamento dos livros *Antropologia & Imagem. Narrativas diversas*, contendo artigos dos meus orientandos de doutorado e mestrado; e *Antropologia & Imagem. Os bastidores do filme etnográfico* que reuniu as entrevistas completas realizadas na série Cinema & Antropologia e resenhas de cada filme elaboradas por estudantes dos cursos de antropologia visual (graduação e pós graduação). Um projeto idealizado há tempos: publicar artigos e resenhas de estudantes interessados em antropologia visual, sedimentando mais ainda esse campo.

De volta à família, à pesquisa e à sociologia!

2012-2014. Fui convidada por duas amigas sociólogas para participar da pesquisa 'Onde é o futuro? Lá ou aqui? Ou aqui e lá? Uma investigação sobre a nova classe média brasileira'⁷². O projeto de Helena Bomeny (PPCIS), Celi Scalón (IFCS-UFRJ) e Letícia Veloso (UFF) "tinha como principal objetivo compreender em que medida a ideia de futuro, tida sociologicamente como fundamental na constituição das classes médias "tradicionais" desde a década de 1950, se mantém presente nas auto definições, práticas, e expectativas da chamada 'nova classe média brasileira'. A proposta era trabalhar com "três eixos explicativos principais: (1) a noção de futuro em relação à categoria sociológica de 'classe média', num sentido amplo, (2) os modos como projetos de futuro participam (ou não) de planejamentos e trajetórias de grupos definidos como pertencentes à 'nova classe média', e (3) as percepções e auto identificações desses mesmos sujeitos como sendo ou não 'classe média', bem como as práticas e experiências acompanham e definem tais percepções, constituindo os cotidianos desses sujeitos e abrindo caminho para produções de futuros" (Projeto, 2012). Muitas reuniões para discutir amostragem e questionário para a produção do *survey*. Outras

⁷² Financiada pela Faperj.

tantas para decidir o universo da pesquisa qualitativa e a elaboração do roteiro de entrevistas, que foram realizadas na Zona Sul do Rio – e volto a estudar a relação ‘morro e asfalto’. Eu conhecia bem os Morros da Babilônia e do Chapéu Mangueira, meus vizinhos, e para lá fomos. Nosso lugar de encontro era o Bar do David – um botequim já conhecido do ‘povo do asfalto’ por seus quitutes – que logo se tornou um filme *portrait*, de curtíssima metragem! Em www.inarra.com.br

A formação em antropologia nunca me afastou da sociologia. A maioria dos meus temas de pesquisa se inspirou em pesquisas demográficas porque acredito que elas informam sobre as transformações da sociedade e ‘dão o alarme’ para as questões sociais prementes, sobretudo, aquelas do meu campo de interesse. Assim, as estatísticas sobre o aumento da expectativa de vida & crescimento da população de mais de 60 anos; o crescimento dos espaços de sociabilidade dessa população & das universidades de terceira idade; a queda no valor das aposentadorias & o retorno dos velhos ao trabalho; o crescimento da taxa de desemprego dos jovens & aumento do número de avós que cuidam dos netos e da coabitação intergeracional; aumento da coabitação intergeracional & a violência contra velhos, me instigaram a estudar essas questões. Mas, não só. Meus principais interlocutores internacionais no campo da família pertencem às sociologias francesa e portuguesa e, aqui no Brasil, Alda Britto da Motta (UFBA) sempre foi interlocutora, parceira e amiga. Talvez tenha sido por esta razão que fui convidada pela diretoria da Sociedade Brasileira de Sociologia a prestar homenagem à Alda na abertura do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia (2013) e a compor a Comissão da Imagem desse evento.

Retorno às imagens

Nos anos 2010 surge um debate sobre autoria nas ciências humanas diante dos parâmetros quantitativistas do CNPq & Capes, que privilegiam as ciências exatas e seu modelo de produção fundamentalmente coletiva. Passamos, então, a considerar timidamente a coautoria nas publicações de orientandos, posto que a orientação não deixa de ser um trabalho de coautoria (desde a indicação bibliográfica até as correções ortográficas!). Só faltava coragem para propor aos orientandos uma coautoria, principalmente, àqueles que demandavam um trabalho mais consistente de revisão. A surpresa foi receber o convite de Acácia Dias, primeira orientanda de doutorado, para assinar um artigo fruto de sua tese, defendida em 2005

(publicado em 2009). Alguns anos e muitas orientações depois, Aline Gama de Almeida, me propôs uma coautoria nos artigos inspirados da tese por mim orientada (2014), um deles para a *Revista de Antropologia*. Mas, ainda falta coragem para propor a coautoria, nestas duas experiências o convite veio da parte delas.

2010-2017. Elaborei o primeiro projeto para o CNPq e para o Prociência totalmente focalizado em uma questão que me aflige há anos: que antropologia visual é essa que fazemos no Brasil?⁷³ Havia decidido encerrar os estudos sobre as relações familiares e processos sociais de envelhecimento para evitar me tornar sujeito das minhas próprias pesquisas! O objetivo principal deste projeto - Antropologia & Imagens: o que há de particular na antropologia visual brasileira? - era analisar os usos de imagens na antropologia e as bases de reprodução desse conhecimento no ensino e na pesquisa. Tarefa árdua, uma vez que a produção brasileira de textos escritos e textos audiovisuais nesse campo é extensa! Impossível analisar a produção de todos os centros brasileiros uma vez que, hoje, cerca de trinta grupos de pesquisa, núcleos & laboratórios estão inscritos na página do Comitê de Antropologia Visual, da ABA. Na tentativa de construir um breve panorama da nossa antropologia audiovisual selecionei dois grupos coordenados pela que considero a 'primeira geração' de antropólogas visuais e dois da 'segunda geração'⁷⁴. Elaborei genealogias, nos parâmetros da antropologia clássica, para visualizar a trajetória dos doutores formados pela primeira geração dada a curiosidade em descobrir se já estão inseridos institucionalmente. Para entender como esse conhecimento é transmitido analisei a formação dos coordenadores dos centros estudados, os programas dos cursos de pós-graduação e bibliografias, as oficinas práticas, a dinâmica de atividades. E, por fim, os trabalhos de conclusão de doutorado de seus orientandos. À indagação inicial – será que produzimos narrativas metodológicas próprias? – diria que temos uma antropologia visual híbrida, pois ela ainda muito se inspira dos ares europeus e americanos na tentativa de construir uma escola própria⁷⁵. Uma pesquisa sobre a antropologia visual brasileira, sem imagens!

⁷³ Este projeto foi prorrogado por mais um triênio, nas duas agências.

⁷⁴ Lisa & Gravi (USP) e Navisual & Biev (UFRGS), cujas coordenadoras pertencem à primeira geração e Navis (UFRN) e Iris (UNB), da segunda geração. Como pertencço à primeira geração, o Inarra foi incorporado à análise.

⁷⁵ Artigo 'Antropologia & Imagens: o que há de particular na antropologia audiovisual brasileira?'. *Cadernos de Arte e Antropologia* 8(1): 5-20, 2019.

2015. Ano de lançamento do livro *Etnografias Visuais. Análises Contemporâneas*⁷⁶, uma coletânea que expressa parcerias & amizades construídas ao longo dos anos com algumas colegas da primeira geração de antropólogas visuais - Sylvia Caiuby Novaes, Catarina Alves Costa, Carmen Guarini, e com outros da segunda geração, principalmente, os meus/minhas ex-orientandos Barbara Copque, Mariana Leal, Aline Gama, Gleice Mattos Luz e Edney C. de Souza.

A antropologia nos ensina que as parcerias são construídas através da reciprocidade. Essa lição atravessa a nossa vida acadêmica, inclusive nos convites para participação em eventos e bancas de conclusão de curso. Como em 2013 C. Guarini e eu convidamos Antonio Zirión (Universidade Autónoma do México) para participar da mesa redonda Antropología y Visualidades (XRAM, Córdoba), em 2015 ele retribuiu nos convidando para participar do Foro de Cine Etnográfico Latinoamericano do IV Congresso Latinoamericano de Antropologia (ALA), na cidade do México. Fiz também parte do Comité de Selección de la Muestra de Cine Documental desse evento. Dom e contra dom como nos ensinou Marcel Mauss.

Em 2016 a parceria foi com as colegas-amigas Myriam Lins de Barros e Andrea Moraes Alves na organização do dossiê 'Ageing and Anthropology' (*Vibrant* 13/1), composto de artigos de gerontólogas tradicionais e de jovens pesquisadores. Neste dossiê reuni, novamente, meus dois diletos campos de pesquisa publicando o ensaio fotográfico 'Images et récits sur l'entrée en institution', que veio somar ao anterior 'As coisas não são como a gente quer... Viver e morrer em instituição asilar', publicado na coletânea organizada por Sylvia Caiuby Novaes (2016).

Assim, nessa trajetória, construí uma rede de relacionamentos, cujos diálogos & interlocuções foram determinantes na minha vida acadêmica, e muitos deles se consolidaram em amizades que me são muito caras. Impossível retratar essa galeria de parceirxs e amigxs.

Página final do *Memoriale*

Voltando à primeira página vejo que meus interesses de pesquisa sempre estiveram inseridos nos debates sobre as desigualdades sociais e, desde o doutoramento, mais focalizados nos processos diferenciados de envelhecimento & políticas sociais, determinados ao mesmo tempo pelas

⁷⁶ Nessa coletânea publiquei o artigo 'Filme etnográfico: as escolhas do fabricante de imagens'.

distintas formas de expressão dos relacionamentos familiares. Percebo, principalmente, por meio deste memorial estruturado em cronologia, que essas reflexões sobre envelhecimento & relações intergeracionais foram acionadas pelas transformações da sociedade brasileira e suas projeções nos comportamentos familiares. Apenas segui esse fio condutor.

Quanto ao interesse pelo uso da imagem vejo agora que, desde sempre, ele esteve presente na minha trajetória de pesquisadora. Revendo as fotografias entendo sua origem: meu pai sempre fotografou nossa vida familiar! Começou com as fotos analógicas em preto & branco e registrou sem parar, com o surgimento do slide, todos os encontros de família e as viagens que fez com minha mãe (encontrei inúmeras caixas de slides guardadas em sua casa). Só deixou de fotografar quando surgiram as câmeras digitais!

Dele herdei a sua câmera Yashica Electro 35 e, quando fiz o doutorado em Paris, ele me presenteou com uma câmera Super8 Cannon 814XL-S com a qual realizei os ensaios fílmicos para o DEA da escola de Rouch (Paris X-Nanterre), e meu primeiro filme etnográfico para a conclusão desse curso: *Point de reencontre aux Battignolles*. Parênteses. Jean Rouch estava na minha banca do DEA e, já aposentado, não gostou da imagem da velhice que viu projetada na tela: criticou a linguagem porque os enquadramentos e ângulos acentuavam as marcas e o ritmo do envelhecimento, mas elogiou a construção narrativa. Ufa!

Impossível finalizar esse memorial sem apresentar as minhas duas primeiras câmeras de registro de imagens (fotográfica e Super8), e meu primeiro computador Macintosh Classic com o qual redigi a tese de doutorado, os artigos que seguiram e meu primeiro currículo acadêmico!



Bibliografia citada no memorial

ATTIAS-DONFUT, Claudine & SEGALIN Martine.
(1998). *Grands-parents: la famille à travers les générations*. Paris: Odile Jacob, 1998.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson.
(1981). *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno.
(1980). *Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: IBAM.

FOUCAULT, Michel.
(1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

_____.
(1979). *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

GOFFMAN, Erving.
(1973). *La mise-en-scène de la vie quotidienne*. Tomos I e II, Paris: Minuit.

HALBWACHS, Maurice.
(1968). *La mémoire collective*. Paris : PUF.

LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth.
(1978). *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

LE GOFF, Jacques.
(2003). *História e Memória*. Campinas: ed. UNICAMP.

LINS DE BARROS, Myriam.
(1997). *Autoridade e Afeto: avós e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes.

PERLMAN, Janice.
(1977). *O mito da marginalidade urbana*. São Paulo: Paz e Terra.

POLANYI, Karl.
(1947a). *Our obsolet market mentality*. Commentary 13(3).

_____.
(1947b). El sistema económico como proceso institucionalizado. In GODELIER,

M. *Antropología y Economía*. Barcelona: Anagrama.

RAMOS E.
(2002). *Rester enfant, devenir adulte*. La cohabitation des étudiants chez leurs parents. Paris: L'Harmattan.

SINGLY, François.
(2000). O nascimento do 'indivíduo' individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. Prefácio. In PEIXOTO C.; SINGLY F.; CICCHELLI V. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: ed. FGV, pp.13-19. Tradução C. Peixoto

VALLADARES, Lícia
(1978). *Passa-se uma casa*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (org.).
(1980). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar.

STIEGLER, Bernd.
(2009). *Quand une vue d'arbres est presque un crime: Rodtchenko, Vertov, Kalatozov*. Etudes Photographiques 23: 6-20.

Bibliografia pessoal

Artigos e capítulos de livro

PEIXOTO, Clarice.
(1992). Anthropologie visuelle au Brésil. *Journal des Anthropologues* 47/48 : 47-58.

_____.
(1992). Les religions afro-brésiliennes: filmographie. *Cahiers d'Études Africaines* XXXII: 125-126.

_____.
(1994). Une question d'étrangeté: le va-et-vient entre l'exotique et le familier. *Cahiers du Brésil Contemporain* 25/26 : 109-126.

_____.

- (1994). Les personnes âgées dans l'espace public et le désir de plaisir. *Gérontologie et Société* 69: 139-149.
- _____.
(1995). France-Brésil: modes d'appellation dans les lieux publics. *Ethnologie Française* XXV: 559-568.
- _____.
(1995). Kaléidoscope d'images: les contraintes et les contributions de l'audiovisuel à l'analyse des relations sociales. *Journal des Anthropologues* 59: 117-125.
- _____.
(1995). A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: em busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 27:138-149.
- _____.
(1995). Antropologia Visual no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 1:75-80. Tradução atualizada do artigo publicado na França.
- _____.
(1995). O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparada e compartilhada. *Horizontes Antropológicos* 2: 69-84.
- _____.
(1996). Do diário de campo à câmera na mão ou de como virar antropólogo cineasta. *Revista de Antropologia* 39: 255-273.
- _____.
(1997). De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In VERAS, Renato (org). *Terceira idade: desafios para o próximo milênio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 41-74.
- _____.
(1997). Histórias de mais de 60 anos. *Estudos Feministas* 5(1): 148-158.
- _____.
(1997). Os jardins ao longo dos séculos: notas sobre as ideologias paisagísticas na França e no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 4: 57-70.
- _____.
(1998). Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais. In BIANCO, Bela & MOREIRA LEITE, Miriam. *Desafios da imagem: iconografia, fotografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papirus, pp. 213-224.
- _____.
(1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In LINS DE BARROS, Myriam (org). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: ed. FGV, pp. 69-84.
- _____.
(1999). A imagem da velhice nas telas do cinema documentário. *Cadernos Pagu* 13: 357-369.
- _____.
(1999). 'Les Archives de la Planète': imagens da coleção Albert Kahn. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 8: 117-132.
- _____.
(1999). Antropologia e filme etnográfico: um travelling no cenário literário da antropologia visual. BIB. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica C. Sociais* 48:91-115.
- PEIXOTO, Clarice & MORGADO, Paula.
(2000). Os bastidores dos festivais internacionais de filmes documentários. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 11: 71-88.
- PEIXOTO, Clarice.
(2000). Histórias de mulheres, de envelhecimento e sexualidade. In DEBERT, Guita & GOLDSTEIN, Donna. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, pp. 293-299.
- _____.
(2000). Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In PEIXOTO C., SINGLY F., CICHETTI V. (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: ed. FGV, pp. 95-111.
- _____.
(2001). Les préférences familiales. L'individualisation de l'affection dans

- les générations âgées. In SINGLY, François (org). *Être soi d'un âge à l'autre*. Paris: L'Harmattan, T.1: 193-207.
- _____.
(2001). Memória em Imagens: uma evocação do passado. In KOURY, Mauro. *Imagem e memória*. Ensaios em Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 173-186.
- PEIXOTO, Clarice & SZTUTMAN, Renato.
(2001). Parceria e comunicação por meio de imagens: entrevista com Dominique Tilkin Gallois. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 12: 139-140.
- PEIXOTO, Clarice & CLAVAIROLLE, Françoise.
(2001). Politique de la vieillesse dans une municipalité de l'Essonne et développement technologique. *Cahiers de Recherches de la Mire* 10/11: 143-148.
- PEIXOTO, Clarice.
(2002). Aconteceu em Göttingen... *Revista Studium* 9.
- PEIXOTO, Clarice & BOZON, Michel.
(2003). Os Na da China, uma sociedade sem casamento nem paternidade: sobre livro e vídeo de Cai Hua. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 17(2): 173-183.
- PEIXOTO, Clarice.
(2004). Trabalhando sempre: aposentados que se reinserem no mercado de trabalho e apoio familiar, 2004. In PEIXOTO C. (org.). *Família & Envelhecimento*. Rio de Janeiro: ed. FGV, pp. 57-84.
- _____.
(2004). Jean Rouch: subvertendo fronteiras. In CAIUBY NOVAES, Sylvia et al (org). *Escrituras da Imagem*. São Paulo: EDUSP, pp. 199-205.
- _____.
(2005). Retour au travail après 60 ans et cohabitation entre les générations: deux aspects de la solidarité familiale chez les Brésiliens. In VIGNIKIN, Kokou & VIMARD, Patrice. *Familles au Nord, familles au Sud*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, pp.507-526.
- _____.
(2005). Solidariedade familiar intergeracional. In ARAÚJO, Clara & SCALON, Celi. *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: ed. FGV, pp. 225-240.
- _____.
(2005). Tecnologias e envelhecimento na França: ofertas, opções e interações. In BRITTO DA MOTTA, Alda et al. (org). *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador : Coleção Bahianas, pp. 187-199.
- _____.
(2006). Politique de la vieillesse et développement technologique en France. *Vibrant* 3(2). 67-88.
- _____.
(2006). Videoteca da Mulher. Mas Afinal, vídeos para quem? In MONTEIRO Simone & VARGAS, Eliane. *Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, pp. 113-127.
- _____.
(2007). Les parents âgés: de la solidarité à la maltraitance. *Informations Sociales* 144:48-54.
- _____.
(2007). Brasil: transiciones demográficas y urbanas, transformaciones familiares y políticas sociales. In PUYANA Y & RAMÍREZ M-I. *Familias, cambios y estrategias*. Bogotá: CIES/UNC, pp. 79-88.
- _____.
(2007). Familia y envejecimiento en Brasil: sobre las relaciones intergeneracionales. In PUYANA Y & RAMÍREZ M-I. *Familias, cambios y estrategias*. Bogotá: CIES/UNC, pp. 89-102.
- PEIXOTO, Clarice e MATTOS LUZ, Gleice.
(2007). De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu* 29: 171-191.
- PEIXOTO, Clarice e SZTUTMAN, Renato.
(2007). Pasantía y comunicación por medio de imágenes: entrevista con Dominique Tilkin

- Gallois. *Revista Chilena de Antropología Visual* 10.
- PEIXOTO, Clarice.
(2008). Family Film: From Family Registries to Historical Artifacts. *Visual Anthropology* 21(2): 112-124.
- _____.
(2008). Nova política francesa para o envelhecimento: 'le bien vieillir'. *Ciência & Trópico* 32(2): 163-182. Fundação Joaquim Nabuco.
- PEIXOTO, Clarice e CAIUBY NOVAES, Sylvia.
(2008). Paul Henley, o antropólogo-cineasta que faz cineastas. *Revista de Antropologia* 51: 765-785.
- PEIXOTO C., FERREIRA J.C., LEAL M., LIMA A., MARTINS I., MENDES M., RIBEIRO E., SANTOS K., TAVARES P.G.
(2009). Trajectoires des jeunes de Rio de Janeiro. Diversités et enjeux sociaux? In AMADOU SANI M., KLISSOU P., MARCOUX R., TABUTIN D. (orgs.). *Villes du Sud. Dynamiques, diversités et enjeux démographiques et sociaux*. Paris: Éd. des Archives Contemporaines-AUF, pp. 311-326.
- PEIXOTO, Clarice & DIAS, Acácia.
(2009). Jovens baianos: conjugalidades, separações e relações familiares. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (org.). *Sexualidade, Reprodução e Saúde*. Rio de Janeiro: ed. FGV, pp.123-144.
- PEIXOTO, Clarice.
(2009). Relações intergeracionais: da solidariedade aos maus-tratos. *Interseções. Revista de estudos interdisciplinares* 11(2): 407-421.
- _____. et al.
(2009). Trajetórias juvenis: processos de autonomização de jovens cariocas e desigualdades sociais. *Anuário Antropológico* 1, junho 2010: 175-198.
- _____.
(2011). Sobre a institucionalização da velhice e as condições de asilamento. In GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 341-356.
- _____.
(2011). Filme (vídeo) de família: das imagens familiares ao registro histórico. In PEIXOTO, Clarice (org.). *Antropologia & Imagem. Narrativas diversas*. Rio de Janeiro: Faperj/Garamond, pp. 11-25.
- _____.
(2012). The Photo in the Film Public and private collections in video-portrait. *Vibrant* 9(2): 344-360.
- _____.
(2014). The body of the Other: to treat well or mistreat? Tensions and mistreatment at the end of life. *Vibrant* 11(2): 184-203.
- _____.
(2014). Antropologia visual: como transmitir esse conhecimento? In FERRAZ, Ana Lúcia & MENDONÇA, João Martinho (org.). *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília- DF: ABA.
- ALMEIDA, Aline e PEIXOTO, Clarice.
(2014). Imagens de guerra: uma leitura sociológica do fotojornalismo. *Interseções. Revista de Estudos Interdisciplinares* 16(2):245-264.
- PEIXOTO, Clarice.
(2015). 'As coisas não são como a gente quer...' Viver e morrer em instituição asilar. In CAIUBY NOVAES, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência. A fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp, pp.93-108.
- _____.
(2015). Filme etnográfico: as escolhas do fabricante de imagens. In PEIXOTO, Clarice & COPQUE, Barbara (org.). (2015). *Etnografias Visuais. Análises Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Garamond.
- _____.
(2016). Images et récits sur l'entrée en institution. *Vibrant* 13(1): 176-185.

_____.
(2017). La domination masculine (verbetes). In CATANI A. et al. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica.

_____.
(2019). Antropologia & Imagens: o que há de particular na antropologia audiovisual brasileira?. *Cadernos de Arte e Antropologia* 8(1): 5-20.

Livros e organização de livros

PEIXOTO, Clarice.

(2000). *Envelhecimento e Imagem*. As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro. São Paulo: Annablume.

PEIXOTO, Clarice; SINGLY, François e CICCHELLI, Vincenzo (orgs.).

(2000). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: ed. FGV.

PEIXOTO, Clarice (org).

(2004). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: ed. FGV.

PEIXOTO, Clarice e CLAVAIROLLE, Françoise.

(2005). *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: ed. FGV.

HEILBORN M-L., DUARTE L-F., PEIXOTO C., LINS DE BARROS M. (orgs.).

(2005). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.

DUARTE L-F., HEILBORN M-L., LINS DE BARROS M., PEIXOTO C. (orgs.). (2005).

PEIXOTO, Clarice (org).

(2011). *Antropologia & Imagem*. Narrativas diversas. Rio de Janeiro: Faperj/ Garamond.

PEIXOTO, Clarice (org).

(2011). *Antropologia & Imagem*. Os bastidores do filme etnográfico. Rio de Janeiro: Faperj- Garamond.

PEIXOTO, Clarice et al. (orgs).

(2012). *Imagens e Narrativas*. DVD Rom. ISBN 978-85-86065-10-1.

PEIXOTO C., COPQUE B., MATTOS LUZ G. (orgs).

(2013). *Famílias em Imagens*. Rio de Janeiro: ed. FGV.

PEIXOTO, Clarice e COPQUE, Barbara (orgs).

(2015). *Etnografias Visuais*. Análises Contemporâneas. Rio de Janeiro: Garamond.

Filmografia pessoal.

In www.inarra.com.br

1992. *Point de rencontre aux Batignolles*, 15min, Super 8, França. (não disponível)

1993. *À la reencontre du petit paradis* (Em busca do pequeno paraíso), 20min, França.

2004. *Bebela e a revolução gaúcha de 1923*, 40min, Brasil.

2008. *Etienne Samain, de um caminho a outro*. Direção: C. Peixoto et al., 35min, Brasil.

2009. *Gisèle Omindarewá*, 70min., Brasil.

2010. *Ilha Grande em outros tempos*. Direção: C. Peixoto et al., 40min, Brasil.

2013. *Roberto DaMatta e seus carnavais, malandros e heróis*. Direção: C. Peixoto, M. Leal Rodrigues, B. Copque, 40min., Brasil.

2013. *Bar do David*, 3min, Brasil.

2015. *IntraMuros*, 36min., Brasil.

Catálogo de Cinema & Antropologia. Os bastidores do filme etnográfico 2001-2005.

Em www.inarra.com.br

1. *Os segredos da mata*, Dominique Gallois, 28 min., 1998, Br.
2. *Arca dos Zo'é*, de Dominique Gallois e Vincent Carelli, 22 min., 1993, Br.
3. *Os velhos na propaganda*, Guita G. Debert, 18 min., 1998, Br.
4. *Em busca do pequeno paraíso*, Clarice Ehlers Peixoto, 19 min., 1993, Br.
5. *Jean Rouch, subvertendo fronteiras*, Ana Lucia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha,

- Paula Morgado, Renato Sztutman, 41 min., 2000, Br.
6. *Habitantes de rua*, Claudia Turra Magni, 52 min., Br.
 7. *Meninas Mulheres*, José Roberto Novaes, 23 min., 1999, Br.
 8. *Sonhos de criança*, José Roberto Novaes, 17 min., 1994, Br.
 9. *Conversas de crianças*, José Roberto Novaes e Paulo Pestana, 22 min., 1998, Br.
 10. *Meninos da roça*, José Roberto Novaes, 18 min., 1994, Br.
 11. *Pomba Gira*, Maja Vargas e Patrícia Guimarães, 13 min., 1998, Br.
 12. *E por aqui vou ficando...*, Pedro Simonard, 20 min., 1993, Br.
 13. *O Arco e a Lira*, de Priscilla Ermel, 18 min, 2001, Br.
 14. *Saudade*, Bela Feldman-Bianco, 57 min., 1991, Br.
 15. *A Palavra que me leva além: histórias do Hip Hop Carioca*, de Emilio Domingos, Bianca Brandão e Luísa Pitanga, 30min, 1999, Br.
 16. *Mauss, segundo suas alunas*, de Carmem Silvia Rial e Miriam Grossi, 45min, 2002, Br. OK
 17. *O resto é o dia a dia*, de Andréa Barbosa, 11 min, 2002, Br.
 18. *Microfone, senhora*, de Rose Satiko Hikiji, 16 min, 2003, Br.
 19. *Ponteio*, de Francisco Simões Paes e Camilo Morano Vannuchi, 54min, 2001, Br.
 20. *Mulheres de luta*, de Patrícia Gouveia, 17min, 1998, Br.
 21. *Surumi: as metamorfoses da Virgem*, Virginie de Véricourt, 36 min., 1998, Fr.
 22. *Maria Lacerda de Moura – trajetória de uma rebelde*, de Miriam Moreira Leite e Ana Lucia Ferraz, 33 min., 2003, Br.
 23. *Guariba – 1984*, de José Roberto Novaes, 11 min., 2002, Br.
 24. *A memória em nossas mãos*, de José Roberto Novaes, 16 min., 2002, Br.
 25. *Família Tetra*, Emilio Domingos, Fabiene Gama, Lucia Albuquerque e Maria de Andrade, 50 min, 2003, Br.
 26. *Vulgo Sacopã*, André Reyes Novaes e Pedro Urano, 26min, 2002
 27. *Bebela e a revolução gaúcha de 1923*, de Clarice E. Peixoto, 40 min, 2004, Br.
 28. *Jon Jonu-Ne. Territórios da loucura*, Denise Dias Barros & Gianni Puzzo, 22min, 2000, Br.
 29. *A morada das águas*, de Ana Luíza C. Rocha e Rafael Devos, 25 min, 2003, Br.
 30. *Ciranda, cirandinha*, Claudia Fonseca, 27 min., 1994, Br.
 31. *Santos Dumont*, de Henrique Lins de Barros, 60 min., 1999, Br.
 32. *Senhora Aparecida*, de Catarina Alves Costa, 55 min., 1994, Portugal.
 33. *O arquiteto e a Cidade Velha*, de Catarina Alves Costa, 72 min., 2003, Portugal.
 34. *Regresso à terra*, de Catarina Alves Costa, 35 min., 1993, Portugal.
 35. *Um casamento no Paquistão*, de Sylvia Caiuby Novaes, 46min, 1994.
 36. *Faces in the crowd*, de Paul Henley, 40min, 1994.
 37. *Os seres da mata e sua vida como pessoas*, de Rafael Devos, 30min, 2010
 38. *As Sementes*, de Beto Novaes, 30min, 2015
 39. *Nuvens de Veneno*, de Beto Novaes, 23min, 2015